ANO II — Vol. 1 Janeiro-Março 1925

ESTÉTICA

REVISTA TRIMENSAL

Direcção e Administração
— DE —
Prudente de Moraes, neto, e Sergio Buarque de Hollanda

Redacção
LIVRARIA ODEON — AVENIDA RIO BRANCO, 157
Rio de Janeiro

SUMARIO

ESTÉTICA
REVISTA TRIMENSAL

I N S

PANTHEISMO SEM A NATUREZA

A opposição entre o nosso *eu* e a natureza subsiste como insubstituivel dualismo, mesmo no conceito pantheista. Imaginar-se que existe a Natureza equivale a idéa de um Todo, que não somos nós ou a que somos extranhos. Imaginar-se a unidade desse todo universal a que somos incorporados, é ter-se uma idéa que se oppõe ao nosso eu irreductivel, que só pelo pensamento é absorvido na idéa do Todo. Ainda mais, a fórmula corrente de que o espirito deve vencer a materia, ou que a arte e a philosophia subjugam a materia universal e fundem o nosso *eu* no Todo implica no conceito do dualismo enraizado no espirito humano e que inspira esse falso pantheismo philosophico, que no sentido classico quer dizer a substancia universal e os seus modos. A noção da natureza é opposta á idéa do todo, a idéa unitaria, e por isso o pantheismo transcendente é o "pantheismo sem a natureza". Combater a natureza, contrarial-a, é reconhecel-a não sómente como realidade, mas como entidade. O pantheismo sem a natureza elimina esta, absorve-a no proprio eu pensante e não a imagina, não a suppõe, o que lhe seria dar existencia e criar subtilmente o dualismo. O ser é um todo absoluto sem materia e sem espirito. A idéa transcendente da existencia extingue as apparencias, em que se fracciona o Todo. Idealmente não podemos pensar a natureza sem nos pensarmos nós

mesmos. Somos a natureza, como ella é o nosso ser. O pantheismo sem a natureza realisa a unidade, que não é uma continuidade, não é um principio nem um fim. E' o ser unico, indivisivel, eterno.

Pensar não é separar ?

* * *

OS ENYGMAS DO GENIO

O signo do genio conserva-se na raiz da propria palavra, que a philologia revela do segredo das raças antigas. A raiz sanscrita gaen ou gan, não deformada na migração, secular, marca o signal da creação. O genio é a intelligencia creadora que inventa, inicia uma nova ordem de cousas, é o principio gerador

A intelligencia é uma funcção do cerebro, determinada pela evolução das cellulas cerebraes. Ha uma relação entre o desenvolvimento craneano e a intelligencia. A evolução anatomica prepara a evolução physiologica. Pela hereditariedade a intelligencia transmitte-se, perpetua-se, adapta-se ás condições do meio. O genio, como a intelligencia, não é previlegio do homem. Por maior que sejam o mecanismo e a rotina dos actos animaes, ha entre estes positivamente genios inventores de novos habitos ou modificadores dos instinctos. A hereditariedade da intelligencia é inherente á vida animal. Não ha hereditariedade do genio. Este é um caso phenomenal de mutação physiologica. A intelligencia continúa na especie, constante e regular. O genio apparece subitamente como um sortilegio da intelligencia. A causa que determina essa mutação da intelligencia em genio, isto é a transformação da faculdade de comprehender, applicar, desenvolver o que foi adquirido pela especie em poder de crear e invntar, que é a caracteristica do genio, como explicar ? Só uma hypothese parece admissivel, a da

acção catalyca nas cellulas cerebraes. Agentes catalysadores causam a mutação. A theoria chimica da catalyse repousa sobre o principio de que o catalysador é um corpo, que modifica a velocidade de uma reacção chimica sem aparecer elle mesmo nos productos resultantes dessa reacção (Berselius, W Ostwald). E em problema de cinetica chimica. Por extensão applicamos o mesmo principio para explicar a reacção, que nas cellulas cerebraes transforma a intelligencia em genio. Quaes são, porém, os agentes catalysadores, que pela acção de presença no cerebro operam nestes a faculdade de crear e inventar, é ainda o enygma da sciencia. A hypothese é proposta para a orientação da physiologia, que aprofundará os problemas levando a analyse ao conhecimento exacto da catalyse que dentro das forças naturaes produz os milagres do genio.

A acção catalytica poderá ser mais ou menos lenta e assim o genio mais ou menos precoce. A precocidade do g e n i o manifesta-se geralmente em ordens de culturas, pelas quaes passou a humanidade nas primeiras phases da sua evolução. Tal facto confirmaria na evolução mental do homem a lei fundamental da biogenia A evolução do individuo é uma recapitulação abreviada da evolução da especie. A evolução intellectual do homem reproduziria as phases successivas da evolução mental da especie humana. A mais antiga expressão da cultura é a cultura artistica. O homem, animal essencialmente artista, exprimiu a sua mais remota emoção intellectual pintando ,esculpindo, dansando, cantando, construindo. A esta phase da cultura artistica succedeu a da cultura mathematica. O homem disciplinou o Universo na geometria e no numero. Quando pela mutação intellectual apparece um genio, na infancia ou na juventude do

homem, elle é artista ou mathematico. Não se vê jamais um genio biologo ou sociologo infante ou adolescente, porque a biologia ou a sociologia como culturas se tornaram familiares ao espirito humano em épocas recentes. Ainda não passaram do consciente ao inconsciente collectivo para serem recapituladas em maravilhosas manifestações infantis. Certamente em periodo longinquo d aevolução intellectual surgirão genios biologos ou sociologos, quando a biologia e a sociologia pela longa paciencia passarem ao inconsciente da especie. A grande maioria dos genios, que se manifestam precocemente não se limitam a recapitular ou reproduzir as acquisições da cultura. Por serem genios são progressivos, creadores de uma nova ordem, mesmo naquillo que pareça ter a humanidade attingido o maximo da expressão.

Se ha uma constancia intellectual, se a evolução phisiologica é completa e fixa desde que o homem na evolução da especie ficou anatomicamente formado, se a energia intellectual correspondente á massa cerebral é sempre a mesma seja qual fôr o grão de cultura da humanidade, esta hypothese não exclue a hypothese da mutação pela catalyse para explicar o apparecimento do genio. A mutação combina-se perfeitamente com a constancia intellectual. Dentro desta verifica-se a transformação da intelligencia constante em genio phenomeno.

Os enygmas do genio serão resolvidos pela sciencia, que para explical-os não recorre ao mysticismo da nevrose e ao da inspiração divina ou diabolica. O genio é um facto natural e sadio de mutação da intelligencia por uma acção catalyca ainda incognita.

Graça Aranha

MORAL QUOTIDIANA

TRAGEDIA (1)

Ao Tacito de Almeida.

Personagens:

A Amante — primadona.
A Mulher — coisa que acontece.
O Marido — joguete nas Mãos do Destino.

Côros

No Guarujá. Presente. Hotel. São 14 horas, muito dia, luz de verão puro sangue. Terraço. Mesas. Cadeiras de vime. Tudo chique. O smoking dum criado pendurado impassivel na porta. Vêm a Amante e a Mulher. Esta brasileira. Brasileirinha. 24 anos. Morena, cabelos negros, viva, etc. Uma pomba. Aquela belíssima e francesa. Alta. Cabelos quasi rubros. Olhos verdes. Esplendor aos 35 anos.

---

(1) Juro que é tragedia.

3.ª e unico Acto

1.ª Scena

Amante (arranhando) — Me conhecia, não é verdade ?
Mulher — Creio que sim.
Amante — Só "creio" !
Mulher — Creio que sim... Deve fazer um ano...
Amante — Parece que esqueceu a data.
Mulher (bocejando) — Creio que sim. Não guardo datas.
Amante — Quer que ajude ?
Mulher — E' inutil.
Amante — Saía da casa de sua mãi, na Avenida.
Mulher — Ah.
Amante — Passei de automóvel.
(Silencio).
..com seu marido.
(2º Silencio).

(Lembra-se agora ?

Mulher — E' impossivel.
Amante (fustigando) — A senhora se esquece muito cedo das suas dores. Deu um grito. Pelo óculo do automóvel, que seu marido me dera, vi a senhora estender os braços, derrubar a sombrinha... Sofreu muito !
Mulher (sorriso abaunilhado, sem sofrer) — naturalmente teve dó de mim.
Amante (o t é l i c a) — Não. Odeio-a ! Não tenho dó.
Mulher (corrigindo) — Não *teve* dó.
Amante — Não *tenho* dó !

Mulher — Mas não é preciso mais ter dó. Já me conformei.

Amante — Não se conformou ! Tanto que procura me roubar o seu marido.

Mulher (muito verdadeira) — Procuro, não. Êle é que me procurou. me procura. (cheia de trunfos) Me ama.

Amante — Não é verdade !

Mulher — E' verdade.

Amante — Pois saiba que seu marido é meu. A mim é que êle ama. Ha quatro anos que vivemos juntos.

Mulher — Já sei.

Amante (perdendo terreno) — Êle contou !

Mulher (num orgulho casto de matrona) — Me conta tudo.

Amante (gritando já) — E' mentira !

> (3º Siléncio. Grande siléncio de gôso prá Mulher. De raciocinio aterrador prá Amante. Como é linda a cor do mar nas tardes de verão do Guarujá. O azul envolvente do céu reflecte uns verdes idílicos. A propria areia tem reflexos verdes. O automóvel passou. Que alegria de moças ! Calças brancas no meio delas. Namorado!. Duas gaivotas nascem afroditicamente da espuma virgem, mais longe. Calmaria. Excesso de felicidade milionária, sem cuidados, bem vestida.)

Amante (baixinho) — Porquê me rouba o meu amor!. Nunca lhe fiz mal.. Amei o primeiro. Abandonei tudo por causa dêle. o outro que me protegia. era rica. que hei-de fazer sem êle!.

Mulher — E eu!. Não o amo tambem ? Teve o seu tempo. Me deixe ter o meu, ora essa !

Amante — Mas eu o amei primeiro ! Ele me amou. Fomos tão felizes!.

Mulher — E eu !

Amante — Me deixe com êle ! Porquê fazer de mim, assim, uma abandonada, uma desgraçada. Quem mais ha-de me querer ?

Mulher (gasta) — Mas. e eu ! e eu ! Pensa que fui feliz casando com o homem que amava e me mentiu ? Que mentiu que me amava ?

Amante — Mas fui a primeira !.

Mulher — Que me importa si você foi a primeira ? Comigo é que êle casou. Suportei tudo. Suportei a afronta, calada. Imovel. Si êle me amou foi porquê quis. Não fiz nada prá isso. Hoje tenho certeza que me ama. Me adora ! (saboreando a sonata-ao-luar da outra). Agora não largo mais dêle!. Porquê não fala com êle mesmo ?. Era mais mai ssimples.

Amante — Por piedade !.

Mulher — E eu ! Teve piedade de mim quando me viu com os braços no ar emquanto a senhora passava nos braços de meu marido ? Não teve.—... disse ha pouco que me odiava.

Amante (amarelo t e r r o s o) — Odeio-a. odeio-a !.

Mulher (se levantando sublimemente vitoriosa) — Pois eu nem siquer a odeio. Me é indiferente. Sei que meu marido me ama. Vim prá cá só prá me certificar disso. Êle não podia vir. Pois veio. E a senhora seguiu atrás, como um cachorrinho, como um cachorro. Detesto-a !

Amante (desfeita) — .Por. por piedade! Não me roube o meu amor! Não imagina como amo seu marido !. . Poude aguentar calada. Poude soffrer sózinha. Mas eu. Eu não posso.... não posso!. Por piedade!

Mulher — Detesto-a! Vá-se embora! Chore na cama! (melodiosa, maldosa, mimosa, tão delicada e melindrosa) Porquê não procura meu marido ? Vá chorar pro seu amante ! (dentada) Garanto-lhe que êle virá me castigar   Com carinhos.

Amante (golpeada) — Não !

Mulher — com abraços...

Amante (gritando) — Não !.

Mulher — com beijos.

Amante — Não ! (louca, se atira sobre a outra, procurando esgana-la) Infame ! Sem vergonha !

(Havia um criado, como disse. Ainda ha. Neste final rápido de scena oscillou nas mãos, no corpo. Agora entrou no interior do hotel.)

Intermedio

O intermedio dura dois minutos. Enquanto êstes se gastam briga feia entre as duas donas. A brasileira é mais frágil. Agil. E é mais forte porquê se lembra do marido que a protegeria si estivesse alí. Finca as unhas nos pulsos da Amante. Liberta-se. Avançam danadinhas uma prá outra. Eternamente as garras nos cabelos. Chapéus mariposas, poc! no chão. Labaredas em torno do rosto da Amante. A noite cai nos ombros da Mulher. Cadeiras empurradas. Mesas r e v i r a d a s. Tapas. Mordidas. Mordidas e beliscões. A brasileira atira um directo no estomago da franceza. (1) "Aie!. . Au secours !. Vêm os coros apressados. Quatro grupos. Se postam um na direita, outro na esquerda, e os outros dois no fundo da scena. A Amante

(1) O golpe aqui não é proibido.

caída no centro, soluça alto, escondendo o rosto nos braços estirados, abandonados. Fogueira que lambe o chão. A Mulher se arranja, rapido. Ergue a mariposa de palha e flores. Está de novo brasileiramente arranjadinha. E mais o ofego dos seios sob a seda. Carmim legítimo das faces. Que shimmy gentil nos lábios trémulos !

2.ª Scena

Côro das senhoras casadas — Ridículo ! Ridículo ! Espectáculo dêstes num hotel ! Uma Mulher que bate na Amante do Marido ! Onde jamais se viu semvergonhice tal ? Ridículo ! Ridículo ! Espectaculo dêstes num hotel !.

Côro dos senhores casados — Que escándalo ! Que escándalo ! Onde jámais se viu semvergonhice tal ? Fazer scena e ter ciumes do marido! Pois um pobre Marido não ter Amante ? Mais de uma até ! Que escándalo ! Que escándalo ! Onde jámais se viu semvergonhice tal ?

Marido (de flanela, entra e se espanta. Traz vinte duzias de cravos paulistanos prá Mulher) — Mas. . que é isso, Jójóca ?

Côro das senhoras idosas — Belíssimo ! Belíssimo ! Gente de hoje não sabe se conter ! Uma Amante. Que tinha ?.. E' natural. Porquê não divorciou ? E' muito mais honrado. Francesa, não? Como se chama ? Quem é? Terá filhos ? Beíissimo! Belíssimo ! Gente de hoje não sabe se conter !

Côro dos senhores idosos — Coitada ! Francesa ! Tão loira ! Tão linda ! Mas essa menina. quem foi que a educou ? Coitada ! Francesa ! Que pernas ! Que meias ! Naturalmente fecho de ouro na liga. Si não tiver, dou eu. Tão linda! tão loira! Coitada ! Francesa !

Mulher (abraçada aos cravos, protegida pelo marido, virando-se intrepidamente pro coral)—Foi ela que me quiz bater !

Côro dos senhores casados — Não é verdade ! As francesas não sabem fazer isso !

Côro das senhoras casadas — E' mentira ! As Amantes não sabem fazer isso !

Mulher — E' verdade. Quis me esganar porquê amo meu marido !

Amante (sempre no chão, erguendo os braços entre os reposteiros flamejantes) Ela roubou o meu collage! o homem que eu amo! que eu adoro!.

Côro das senhoras idosas—Ridículo! Ridículo! Roubar o amante da Francesa, porquê então ? Pois não ha tantos por aí ? Não saber se conformar com a civilização!. Ridículo! Ridículo! Gente de hoje não sabe se conter !

Côro dos senhores idosos—Que escándalo! Que escándalo! Amar dessa maneira o seu próprio marido!. Mas quem diria que hoje em dia inda apareceria uma tão crassa velharia!. Que escándalo! Que escándalo! Amar dessa maneira o seu próprio marido !

Marido — Que é que os senhores têm com isso ?

Côro das senhoras casadas — Impertinente ! Impertinente !

Mulher (onça) — Impertinentes são vocês !

Côro dos senhores casados — Afastemos êsse par escandaloso ! Tão máu exemplo não póde aqui florir ! Vamos ! Fóra a Mulher que ama o Marido !

Côro das senhoras casadas — Vamos ! Fóra a Mulher que ama o Marido !

Côro dos senhores idosos — Vamos ! Fóra !

Côro das senhoras idosas — Vamos ! Fóra !

Côro dos senhores casados — Fóra ! Fóra !

Côro das senhoras casadas — Fóra ! Fóra !

Coros de senhoras e senhores idosos — Fó-fó-fó-ra !

Coros de senhoras e senhores casados — Fó-fó-fó-fó-ra !

O quartetto coral (fortissimo) — Fó-fó-fó-ra ! Fó-fó-fó-fó-ra ! Vamos ! Vamos ! Vá-vá-vá-vá-vá-vá-mos ! Fó-fó-fó-fó-fó-fó-fó-ra ! Vá-Fó-Vá-Fó-Vá-vá-vá-vá-Fó-fó-fó-fó-mos !-ra !--mos !ra ! Fó-Vá-Fó-mos !-ra-mos !-ra !-ra !-ra !- Fó-fó-Vá-vá-ra !-mos !-ra ! mos ! ra !-ra !-ra !-ra- !ra !-ra !-ra !-ra !-ra !-ra !-ra !-ra !-ra !-ra !-ra !-ra !ra !-ra !-ra !-ra !-ra !-ra !-ra !-ra !-ra !-ra ! ra !-ra !-ra !-ra !-ra !-ra !-raaaaaaaaaaaaáá !.

(Aplusos frenéticos da assisténcia).

Marido — Vamos embora, Jójóca !

Marido e Mulher (com os olhos grudados no maestro) — Adeus ! Adeus ! Adues ! oh Civilização ! Vamos livrar o nosso amor maravilhoso do teu contagio pernicioso ! Nós queremos a honestidade ! Nós queremos ter filhos ! E nós cremos no Codigo Civil ! Lá longe dentro dos matos americanos, onde as iraras pulam, os chocalhos das cascaveis charram, onde zumbem milhões de insectos venenigeros, seguirêmos o conselho de Rousseau, de João Jaques Rousseau, e segundo as bonitas teorias do sr. Graça Aranha nos integraremos no Todo Universal !

Amante (desesperada, estende os braços pro par que desapareceu. Senta-se prá ficar mais á vontade e entoa a Cavatina da Abandonada. Dá perspectiva á cavatina um arreglo do "Matuto" de Marcelo Tupinambá, pra flauta, 3 violões e gramofone.

Cavatina da Abandonàda

Oh ! meu amante, vem ! Vem de novo, feliz, despreoccupado e belo ! para o reino de luz dos meus

abraços! dos meus beijos!! Partes então!?... E para sempre!!!! E os nossos dias de felicidade imaculadas? Calca-los tu aos pés!! Oh! meu amante, vem! (Soluços sincopados do coral). Já te esqueceste pois dos bons dias alegres! em que entre os jasmineiros do jardim, na vivenda clandestina eu te esperava!! com Pompom pompeando nos meus joelhos?! Oh! meu amante ingrato! Escuta, inda uma vez! a voz da abandonada! O meu peito biparte-se em soluços desesperados! As minhas brancas mãos, que já dormiram poisadas nos teus flancos brandos, mordem-se agora, torturadas! martirizam-se agora, desdenhadas! Que farei dos tesouros perfeitos do meu corpo? das riquezas in-ex-gotaveis da minha alma? pois que o meu amante me deixou!-?- Para que servem mais êstes meus dedos roseos? si não podem brincar nos teus cabelos? oh! amante infiel! Onde poisarão meus braços serpentinos, si o teu pescoço se lhes não oferta mais! ? E os meus seios então — travesseiro divino! — onde tantas e tantas noites inesquecíveis tu sonhaste, infiel! o teu sonho mais puro e dormiste, ingrato! o teu sono mais manso!-?-

Ah! Perfido! Si os teus não lhes respondem mais, para sempre!!!!!!! meus beijos emurcherão! Triste! triste! da abandonada!!.

As trevas já escurecem os olhos meus. (Os soluços aumentam) Fantasmas amigos me rodeiam e antevendo o futuro eu quasi sou feliz. Sombras nuas! Sois vós amigas minhas! Ai! (Sorri encantada) És tu Cleopatra ! Minha Aspasia querida ! Manon beija meus olhos! Elisabeth de Inglaterra... A marquesa de Santos ampara-me a cabeça e Elsa Lasker Schüller canta o sseus lieder para o meu dormir Sinto que vou morrer.

Brisas meigas da práia! ondas glaucas do mar! levai ao meu amante ingrato, áquele que me malta!

e que eu a!!doro, o derradeiro adeus da abandonada! os últimos sus. .piros da infeliz que vai mor!rer

(Morre. O côro das senhoras idosas, com gestos chaplineanos de deploração, estende sobre a morta um grande manto branco. Os senhores idosos e senhores casados dansam em torno do cadaver um hiporquema grave e gracioso, desfolhando sobre a amante as 20 dúzias de cravos, que o smoking fôra buscar das mãos da Mulher e repartira entre êles. As senhoras casadas denastrando as respectivas comas (1) sobre o rosto, levantam nos ombros alvíssimos, aquella que sempre viva se conservará na memória dos mortais. E então, tendo na frente um abundantissimo Jazz que executa a Marcha Funebre de Chopin, op. 35, o cortejo desfila, desfilará pela Terra inteira e pelas civilisações futuras até a vinda, por todos os humanos desejada, do Anticristo.)

LACTA SALUS

GUARANA' ESPUMANTE

BELLA COR DUNLOP

Mario de Andrade

P O E M A S

JOGOS DO TEMPO

"O palhaço que é ?. "

Oh! longas tardes nas ruas poeirentas,
encostas de morros ardendo ao crepusculo,
queimadas nas matas,
balões pelo ar!

"Hoje tem espectaculo?. "

Oh! tardes longas, cheiros e côres,
sahiras, laranjas, romãs e jasmins.
O vento que rola pesado é tão morno
que a gente de novo tem fogo na face
e luzes virginaes nos olhos espantados!

"O palhaço que é ?. "

Oh! as longas tardes, nos jardins obscuros,
as gramas regadas,
o canto das rodas
e o somnolento olor da terra tépida.

Passaram palhaços, passaram balões,
mas ha confusos gritos que inda não cessaram
e ha queimadas grandes, cada vez maiores,

nos morros que ardem ao redor de mim.
"Hoje tem espectaculo?. "

Mas o circo mudou.

MERCADO DE TRINIDAD

Mercado de Trinidad
na tepidez molhada da manhã!
Doirados tropicaes de asas e frutas,
verdes maritimos franjados de alcatrazes,
mar de coraes, fogos de madreperolas ao sol!

Das cestas de vime rolam ananazes de escamas
[oxydadas,
o amarello e o vermelho dos papagaios riscam o ar,
as mangas queimam a penumbra das folhas
[murchas,
a terra é uma vibração de coloridos.

Sóbe das faluas o aroma oleoso do breu e do
[alcatrão,
e ha deuses de bronze no azul da vaga,
no azul da vaga tremula e faiscante.

Mercado de Trinidad
na tepidez molhada da manhã!
Por trás dos mastros e cordames pardos,
na cinta elastica das bananeiras e dos limoeiros,
espiam cottages e bungalows.
E sobre as livres solidões selvagens,
entre araras, tucanos, goiabeiras e coqueiraes,
passeia gravemente, de capacete branco,
a ruiva sentinella do Forte colonial. ..

Ronald de Carvalho

D A G L O R I A

(SOLILÓQUIO NUM DIA DE CHUVA)

. como o de hoje. "Il pleure dans mon cœur comme il pleut sur la ville". Não, de maneira alguma. Não farei citações. Para que ? Aborrecem tanto: a mim e aos outros. Ter que copiar, letra por letra, nomes exquisitos, difficeis, até compridos: terem que lêr, syllaba por syllaba, nomes imprevistos, complicados, até conhecidos. O meu cigarro está no fim; o fogo está justamente queimando o nome do homem que faz os meus cigarros. MCAUCHAR. Um bom exemplo: queimar os nomes. Um homem que faz citações é como certos individuos que nos cumprimentam na rua só para fingir que teem boas relações. Aquelle senhor de hontem na esquina da. Entretanto, a gente não responde. E' inutil. Elles tiram o chapéo, com respeito, como quem tira a tampa de um crystal que guarda uma essencia. Perfumes enervantes; alguns falsos. Não aspirar. Mas, para isso, é preciso não sahir, não andar, não vêr, não encontrar, não parar, não falar. Ser um NÃO, um não positivo: não ser. E' preciso ser negado; mas é melhor negar-se a si mesmo, antes de ser negado pelos outros. Portanto, negar-se ainda em vida, emquanto é tempo. Penso, logo não existem; pensam, logo não existo. O unico defeito do mundo é a humanidade. Philosophias.

Coisas da vida. Distracções para dias de chuva. A vida é um passatempo bem interessante; mas eu tenho muito mais que fazer. Bom. Eu estava pensando que a gente não deve fazer citações. Porque só se citam celebridades, grandes glorias da humanidade; e como este mundo é um systema de compensações. Voilá. E' assim que, sem querer, a gente póde tambem ficar, de um dia para outro, perfeitamente glorioso. E o maior perigo que existe é a gloria. Uma desgraça. Tragedia horrivel numa porção de actos. Uma verdadeira escada. Escada de Jacob: começa numa pedra — a pedra dos sonhos biblicos — que ás vezes é uma cabeça dura e teimosa — e sóbe, sóbe até um céo bronco, e vae equilibrando, balançando, bem na ponta, no ultimo degráo, uma especie de deus bochechudo, de cara bôba, barbuda e côr-de-rosa. Um deus desagradavel e compromettedor, de collarinho de celluloide e polainas. Esse deus chama-se o ridiculo. E' bem isso a gloria. Uma ascensão negativa. Sóbe bastante, para, de bem alto, cahir no ridiculo. Aquelles foguetes que eu vejo nos dias de festa. O estopim pisca um foguinho estrellado na ponta da vareta toda aprumada, toda importante; de repente, um esguicho forte de fagulhas, para baixo, cuspido como uma injuria altiva á face da terra vil; e o foguete empina-se com dignidade e resolução; aponta ás estrellas uma cabeça de insolenci ae desafio; chispa furioso, rasgando o céo num jorro de faíscas; quando, a meio caminho já da estrella mais alta, fraqueia inexplicavelmente, bambeia um p o u c o, pára, um segundo, hesitante, no ar; t o s s e ôco e frouxo tres vezes e. Eu nunca vi garoto que não gostasse de varetas de foguete: são leves, servem para fazer papagaios. E' verdade, os papagaios tambem sobem. Sobem menos e são captivos; mas, em todo caso, sobem. Não ha duvida: o destino das

coisas leves é subir — subir de qualquer maneira. (Esqueci-me dos rojões de lagrimas e de apitos. Mas eu não gosto mais das coisas tristes). De qualquer maneira, comtanto que subam. E haja o que houver. Uma vez, em Alexandria, um homem, pra ficar celebre, pôz fogo a uma bibliotheca preciosa; mas eu nem me lembro mais do nome desse homem. Elle subiu como a fumaça ephemera do incendio. Subiu. Não se póde separar a idéa de subir da idéa de cahir. Icaro, um dia. A gloria é um importante symptoma de decadencia. E um grande perigo. Nas usinas electricas, junto ás correntes de alta voltagem, ha sempre uma taboleta pintada com um raio vermelho em zig-zag e este letreiro: "Cuidado!" Nas academias, nos institutos de sciencias, nas escolas de bellas artes, tambem devia haver um letreiro bem escandaloso: "Cuidado com a gloria!" Ella tem arrastado á completa perdição creaturas inteiramente innocentes e dignas Homens gordos, prudentes, até sympathicos, talhados para a sobrecasaca e para o bem, olham-se de repente a um espelho consciencioso e teem a surpresa de se verem, ás vezes até contra a sua vontade, cosidos dentro do inexplicavel fardão verde-amarello de uma academia, como grandes araras; ou com o peito constellado de condecorações como um céo de presépe. Então, estoiram uma grande gargalhada dolorida. Estão perdidos. Todo homem tem que dar uma gargalhada definitiva na vida. É o fim. Mas é o começo da gloria. Porque ella começa pelo fim, pelo fim de uma porção de coisas. Ella principia onde acaba a liberdade, o pyjama, o credito commercial. Eu só acreditarei na gloria quando um grande homem tiver a liberdade de fazer em publico o que todos fazem; ou fôr esculpido ou entrevistado intimamente, commodamente em pujama; ou conseguir comprar fiado no armazem da

esquina. Sem isso, é inutil. Estas convicções. Mas é melhor assim: que ninguem acredite na gloria, que não haja genios nem heróes, que a humanidade se achate numa mediocridade rasa.. Para que genios? para que heróes? São dispendiosos—o bronze está muito caro; e inconvenientes — fazem, pela inveja, o peccado e a infelicidade do resto dos similhantes. Que coisas tão incommodas! Edade do conforto. Morris. Maples. Ascensores. Ventiladores. O botão electricto. Si a maçã que cahiu no cráneo do mathematico saxão que inventou a gravitação terrestre, tivesse cahido na barriga de um salsicheiro, a humanidade teria sido muito mais feliz. Pois um homem satisfeito teria comido mais uma maçã; e haveria um sabio, um incommodativo sabio de menos — portanto, menos livros aborrecidos, menos problemas zumbindo na cabeça infeliz de um estudante, menos desmoronamentos, menos attracções terrestres. Great attraction. Cahir. O grande perigo. E a gloria é uma série de cahidas. Primeiro a gente cáe na tentação de subir; depois, cáe numa porção de erros; depois, cáe no dominio publico; depois, bem de cima, cáe no ridiculo. Agora me lembro: o meu visinho teve um parente chamado Balthazar (ninguem sabe como é doloroso ter-se um parente chamado Balthazar), que foi um grande homem. Mas antes elle foi pequeno. Pequeno naquella immensa cidade cinzenta de asphaltos, de cimentos, de ardozias. A cidade dos andaimes. Construir. Subir. Cidade cheia de andaimes, a n d a i m e s cheios de immigrantes, immigrantes cheios de gestos, gestos cheios de dinheiro. Aqui, a successão pára. Dinheiro — Indifferença. Entretanto, Balthazar tinha coragem. Teve a coragem de acreditar Acreditou. Um grande mal, acreditar Muito grave. Começou por acreditar no tryptico fleugmatico da perfeição humana: plantar uma ar-

vore, fazer um filho, escrever um livro. Acreditou nisso — e foi por ordem. Plantou café (muito bem), constituiu familia (ainda bem) e escreveu um livro (muito, muito mal). O café fructificou; a familia tambem; o livro. Gloria! gloria! Era preciso publical-o. Porque era preciso. Porque sempre é preciso. "Livros. livros á mão cheia". "O Livro e a America". "Faire l'Amérique" — primeira idéa. "L'oncle d'Amérique" — ultimo ideal. Balthazar estava rico e não tinha sobrinhos longinquos, mas publicou a "Pantosophia" E começou, para elle, a ascenção. Degráo por degráo. Jornaes (1° degráo) — "Mais uma estrella de primeira grandeza que surge no firmamento do nosso microcosmo. " Microscópio. A opinião alheia é um microscópio pelo qual uma creatura se vê. Depois, o retrato (2° degráo). Corpo todo. A columna, o livro, a testa intelligente affrontando a posteridade. Pose. Depois, o instituto (3° degráo). Recepção solemne. "Meus senhores. " Um discurso é o cartão de visitas mais comprido e mais incommodo que existe. Depois, o nome dado a um centro civico, a uma corporação scientifica (4° degráo). "Gremio Balthazar" Estandartes e fanfarra. E banquetes. O festim de Balthazar. O homem é um estomago que pensa. ou um cerebro que digere. Depois, a marca de cigarros (5° degráo). "Cigarros Balthazar—Mistura aromatica" E os cartazes. Tantos inconvenientes... E os tocos imprestaveis atirados, ainda com o nome, á lama corredía das sargetas. Barquinhos de papel — foram-se embora e não voltaram mais... Depois, a rua (6° degráo). "O crime da rua Balthazar. O marido que matou a mulher para fugir com a sogra." Ainda os inconvenientes. Um garoto faz um trocadilho inface: "baita azar!", mais criminoso ainda do que o assassino passional. "Le jeu de l'amour et du hasard" Depois, o busto (7° degráo).

No saguão da Academia de. Hum! Ainda discursos. Um braço de mulher, todo côr-de-rosa, colloca uma corôa de loiros verdes na fronte do busto. "Robusto talento"! Pudéra: de bronze. Depois, a effigie nos dinheiros (8º degráo). Muitos perigos. Roubos. Notas falsas. Balthazar circula, cheio de cifrões. No emtanto, consta que Balthazar, entrevado, está na extrema miseria. Depois, (Balthazar morreu) a estatua (9º degráo). A viuva, tremula, aos filhos arrepiados e obscuros: "Como vossa pae está mudado. " Mutatis. mutandi, não resta duvida: é elle mesmo. Até os óculos pretos. Depois, a anecdota (10º degráo). Heróe de anecdota. Todas são authenticas. Bôa piada. Ha-ha-ha ! Balthazar começa a fazer cócegas no mundo. E' o começo do fim. Mas.. Depois, o vitral (11º degráo). Respeito religioso. O vitral está sobre um confessionario. Balthazar, de vidro, ouve toda a miseria humana.. E si a viuva viesse confessar-se allí? Depois, a opera (12º degráo). O grotesco lyrico. Um tenorino italiano, vermelhinho, gorduchinho, de bigodinhos retorcidos e mãos pequenas e humidas, interpreta sacrilegamente o sabio solemne. Tremulos na orchestra. Cáe o panno — e Balthazar tambem cáe no ridiculo. Depois, muito depois, daqui a 483 annos, a negação (261º degráo). A gloria, não podendo fazer mais nada, negará a existencia do heróe: Balthazar não existiu. Lendas. E' a quéda maxima: do mais alto pinaculo, arremessado como um bagaço inutil ao nada. Do nada Deus fez o mundo. Génesis. Recapitular. Primeiras palavras de Balthazar ao nascer para a celebridade: "Plantar uma arvore, fazer um filho, escrever um livro"; ultimas palavras de Balthazar, ao expirar: "Arrazar florestas, promover guerras, incendiar bibliothecas". No emtanto, esta phrase, que não ficou celebre, foi a redempção, a gloria verdadeira

do heróe. Arrependimento. Quae sera tamen. Arrepender-se, mesmo no derradeiro instante de vida, de ter sido glorioso. Uma superioridade. Porque a gloria, como todas as coisas inferiores, sujeita-se a todas as relatividades. T o d a s. Relatividade de tempo; relatividade de espaço. De tempo: — si muitas vezes, para baixar á terra, ella não precisa sinão do instante electrico com que a T. S. F. enróla no mundo redondo a fita branca que annuncia um premio Nobel, ou do pequeno minuto hercúleo de um knock out em 1° round; muitas vezes tambem ella exige os setenta annos e tanto que um homem interessante levou a morrer na miseria, ou os tres seculos e meio que o nome de um coitado esperou no saguão, para que enterrassem decentemente num museu definitivo o seu pensamento e a sua dôr. Relatividade de espaço: — a gloria poderá ser tanto suburbana como universal. Num salão de barbeiro, como num palacio em Haya, póde-se muito bem chocar um genio. E a gloria é perfeitamente geographica. Sinão, não se explicaria a expressão "gloria nacional". Uma gloria nacional é um senhor muito ingenuo que confundiu o coqueiro creoulo com o loureiro da Grecia. Porisso mesmo, a gloria póde ser até climatérica. Pois não. Um instituto scientifico do Senegal nunca comprehenderia o valor de um sabio da Groelandia que descobrisse um eider electrico accumulador de calorias, capaz de fundir num segundo as neves velhas de sua terra; assim como este inventor nunca poderia se explicar a celebridade do sêr gordo e suado que creou o primeiro ventilador electrico. E' assim mesmo. De ter notado estas relatividades conclúo: a gloria é toda subjectiva. Um homem-sandwich da Quinta Avenida, que annuncia um dentifricio e um motor, póde considerar-se muito sinceramente um grande h o m e m, o melhor homem-sandwich do

mundo, sem ter medo de nenhum jogador de pocker que esteja com a maior fome do mundo. Questão de convicções. E quando uma creatura convencida chega a convencer as outras, então. Divagar, mas devagar. E' verdade, eu tenho de memoria uma historia de gloria (Rimas involuntarias). E' uma historia que aconteceu mesmo. Numa cidade muito grande. *Tinha* um theatro que estava montando uma revista. Féerie. Muitos quadros: quasi um Salon, mas bem melhor. A revista chamava-se *New York-Lilliput*. Os scenarios já estavam promptos: eram muitos pequeninos. Mas era preciso arranjar anões, muitos, muitos anões. Bem anões, e barbudos, de vóz grossa. A Empreza annunciou. Cartazes. "Precisa-se de anões. Paga-se bem". No escriptorio, de 1 ás 5. Houve uma chuva muida. Uma gentinha engraçadissima encheu os escriptorios da grande Empreza. Começou a selecção. Serve, não serve, serve. Porque no meio disso tudo houve tambem muita especulação, muito camelotte. Artigos de segunda ordem. Outros, falsificados, S. G. D. G. Paes gananciosos e desnaturados desfiguraram creancinhas innocentes, applicando-lhes grandes barbas ferozes e bigodeiras frondosas nas bochechazinhas puras. Uma vergonhosa exploração. Cabelleireiros enriqueceram. Um celebre especialista de garganta-nariz-ouvidos descobriu um apparelhozinho manhoso de nickel que, engulido por uma creancinha, transformava-lhe a vóz tenue num vozeirão terrivel de leiloeiro (Ganhou muito dinheiro com os taes apparelhos de nickel, mas foi preso pela policia como inventor dos papa-nickeis). Uma indecencia. Mas a Empreza era esperta, e foi seleccionando, seleccionando. Serve, não serve.

De repente, no meio dessa multidão toda baixinha, appareceu, muito risonho, um ancião que tinha uma cara bôa de Papá Noel. Era uma pessôa barbuda,

normal, bem alta, que parecia ter mais de 73 annos e 2 mezes. O emprezario indagou o que significava aquillo. "Eu tambem sou anão" — Não é possivel! Vamos verificar isso" Mediram o velho: elle tinha um metro e setenta e um de altura. "O senhor está brincando comnosco". Lyncha! lyncha! "Não, meus bons senhores. Calma! Não estou brincando, não. Eu tambem sou anão. Eu sou maior anão que ha no mundo" Foi acceito immediatamente. E ficou celebre: sinão, eu não falaria delle. Pois que para ser celebre é preciso ser falado, e vice-versa, que bem pouca coisa que é a gloria! Questão de. Haveria celebridades num paiz de surdos-mudos? Ou mesmo. Basta. De pensar assim, a gente vem a concluir que o grande. o sério mal que ha na gloria é esse de ser o creador maior e durar mais do que a sua creação. E' preciso, é urgente fazer uma grande coisa muito maior do que nós mesmos e muito mais longa do que a nossa vida. Reprovo com frenesi o máo costume que teem muitos senhores de "dormir sob os louros da victoria". Pequena sombra. Garanto qu eessa sésta commodista é perfeitamente incommoda. Povoada de pesadêlos nos quaes a gente se crê despencando de repente do 18° andar de um arranha-céo num abysmo inevitavel de asphaltos, pneumaticos e commentarios. Principalmente. Um verdadeiro creador não deve sobreviver á sua obra. Deve: ou creal-a durante toda a sua vida, ou morrer a tempo, sem ser officialmente glorioso. A irremediavel melancolia da impotencia. Dizem que os eunucos tambem teem desejos. Mas só desejos. Os braços cruzados do improductivo. A paralysia revoltada do incapaz. Porque? Porque elles foram maiores do que a sua obra. Foram "grandes homens". Injusta esta expressão — "um grande homem". Dizer sómente — "uma grande obra" Porque o creador só é creador emquanto

crea. Depois, deixa de ser um genio, deixa até de ser um homem, para tornar-se um simples signal algebrico — +, +, =, :, ::, etc. Verdade mathematica, isto. Resolver o problema da vida: morrer antes, escapar aos perigos engraçadissimos que a gloria reserva ás suas victimas. Tantos perigos! Toda aquella escada biblica (Recapitular) de Jacob: 1° degráo), (2° degráo), (3° degráo) .com a negação, — a grande pandega final do salto mortal de ponta-cabeça. Ora, cahir por cahir, antes num tumulo do que no ridículo. Não é verdade? Porque, pairar, só na indifferença. Indifferença = pulverização. Memento homo. Horror. Quem é que está querendo dizer que, ás vezes, uma linda morte póde salvar ? Tolice. Um homem illustre esterilizou-se; quiz redimir-se p r e p a r a n d o uma linda morte; procurou, na cabeça antiga, uma ultima idéa; achou-a; era uma phrase para ser dita na hora da morte; bello conceito, perfeita phrase—até parecia um verso; traduziu-a em latim para que fosse eterna e universal; decorou-a bem; ensaiou-a muito, deante do espelho (falta de reflexão) todo o resto da vida; quando estava tudo em ordem, a phrase na ponta da lingua (lingua muito suja, febre) a d o e c e u gravemente; chegou o instante fatal; fez, no leito de morte, um movimento; a familia compungida e os amigos theatraes compuzeram o grupo esculptorico; tossiu, ergueu a mão, moveu os labios; ia dizer aquella sublimidade classica. ; uma amnésia subita passou, como uma esponja, sobre o quadro negro da sua memoria, onde escrevêra com giz branco e levára vinte anos a fixar, a phrase esplendida; esquecêra tudo, tudo; e suspirou só isto: — "Perdi todo o meu latim!" e morreu. Salvou-se? — Claro que não. Porque, deci-

didamente, nem sempre "o oceano é o unico tumulo digno de um almirante bátavo". Historia do Brasil. O collegio. Recordar. Os meninos suados, buço e cheiro de sol, estudando heróes (Adiante!), com uma caneta-tinteiro no bolso e uma aventura de Nick Carter na cabeça. E estudando. "A noite das garrafadas". Mas Charlie Chaplin é melhor. Nunca estudou — e ficou celebre. Mas ficará? Não, sem duvida: todo mundo gosta delle. Charlie é comprehendido. Annullar-se-á. E' preciso, é indispensavel, para se conseguir uma gloria authentica e duradoira, não se ser acceito, não se ser comprehendido no seu tempo. Máo tempo. " .comme il pleut sur la ville" Quem teria inventado o guarda-chuva? O nome desse genio cauteloso, que tinha fraque na alma, não ficou: porque o invento foi comprehendido e adoptado immediata e universalmente. Explica-se a necessidade da incomprehensão: orgulho. O orgulho velho dos seculos. Um seculo géra um genio e, de duas uma: ou bem comprehende-o — e acceita-o; ou bem não o comprehende — e nega-o. Muito bem. Resultado: passa esse seculo, decrepito, imprestavel, babando e tropeçando nas barbas. Vem o novo seculo, athletico, sadio, de musculos duros, esticados a sandow. E o moço refléCte: — "Aquelle velho atrazado applaudiu tal homem; ora, eu sou muito mais adeantado; portanto, não posso mais acceital-o — nego-o". Ou então: — "O seculo pesado não entendeu tal artista: era um seculo acanhado; eu, mais culto, admitto-o". Mania da contradicção. E assim teem dito todos os seculos, porque todos elles, na sua época, são "o seculo da luz". Fiat lux: não ser do seu seculo, mas do seculo que virá; não ser do presente, mas do futuro. Futurista. FU-TU-RIS-TA. Talvez. Qu'en dira-t-on?

Não importa. A gloria, a verdadeira, não conhece meios-termos. Ella diviniza ou crucifica — o que, quasi sempre, vem a dar no mesmo. Mas isto tudo são calumnias que.

Guilherme de Almeida

— Rio, 17 - VI 294. —

BONECA VESTIDA DE ARLEQUIM

As pernas longas, longas e finas como os braços.

Se não fosse pintada, a bocca seria um pouquinho maior. Mas, pintada, era mais bonita.

Tinha os olhos de quem viu, de quem sabe.

O nariz, pequeno e alegre, punha um sorriso em todo o rosto.

Branca. branca.

Vestida de Arlequim.

Ia vêl-a.

Na vitrina onde morava, morava uma chusma de bonecas.

Eu só via a boneca vestida de Arlequim.

Só por ella parava alli.

— Bom dia.

E vinha um prazer daquelle corpo inerte, que me envolvia.

Um prazer de alma, ingenuo e bom.

Estendia-lhe as mãos.

Amava-a.

Depois, houve alguem que a levou.

Nunca me esqueço della.

Dei-lhe um nome: Vida.

Um nome como outro qualquer.

Ás vezes, parece que a sinto junto de mim..

Commigo.

Aperto-a nos meus braços: é tudo.
Quero guardal-a para sempre: é nada.
Realidade linda, feita de illusão.
Vida.
Minha boneca vestida de Arlequim.

Alvaro Moreyra

SOBRE A SINCERIDADE

Na *Nouvelle Revue française* de novembro, o sr. Benjamin Crémieux, estudando em excelente artigo a caça á personalidade, que caracteriza os ultimos 25 anos de literatura, propõe ás novas gerações francêsas uma orientação diferente.

"Ao s e n t i m e n t o da imperfeição moral do homem, diz êle, da anormalidade dos mais normais, Freud, Proust, Pirandello acrescentaram o da nossa imperfeição psicológica. A personalidade humana pulverizou-se; nosso *eu* fraccionado em tantos *eus* successivos quantos minutos vive, tenta em vão colar, unificar seus átomos esparsos." "A essa dissolução do *eu,* corresponde por curiosa contradicção, um verdadeiro misticismo do eu".

Seguindo a Gide e a Proust, estudando Freud, enriquecida de um poderoso método de análise, o monólogo interior, a literatura franceza chegou ao superrealismo "que procura a traducção automática, imediáta, do mecanismo desinteressado do pensamento."

Os que não acceitam essa "literatura anárquica" de pura introspecção, baseada unicamente na memoria, querem uma *ordem* imposta de fóra pra dentro em que os sentimentos são considerados em abstracto e em que a noção de personalidade resulta de esquemas artificiais adicionados.

Ao sr. Cremieux repugnam as duas soluções. Regeita essa ordem artificial e sente que a anarquia não póde ser definitiva. Procura outra saída.

Retomando o pensamento de Proust e levando ás últimas consequências a psicologia proustiana, o autor de *XX siècle* conclúe por uma literatura de imaginação. Porque "não póde sair de nós sinão o que em nós temos depositado. Nada póde haver na imaginação que antes não tenha estado no inconsciente. Eis-nos, portanto, libertos do terror de ser insinceros. Não temos esse poder."

Propõe um constructivismo imaginativo em que o artista crie a unidade e a ordem que não existem. Afirme-se a dualidade do artista e do homem. A obra de um nada tenha com a vida do outro. E talvez se obtenham assim esquemas psicológicos que em vez de ser abstracções incarnadas, como na arte clássica e romantica, sejam realidades concretas desincarnadas.

O sr Benjamin Cremieux engana-se e sua teoria não póde satisfazer.

A psicanálise equipara a arte ao sonho. Ela é a consequência da luta entre os desejos e tendencias instinctivas e as forças de toda especie — a censura — que tentam reprimí-los. Para se manifestarem, esses desejos esperam o relaxamento do sôno ou disfarçam-se. Um dos meios de se disfarçarem é a arte. Sublimação. Isto é, aproveitamento por um esforço consciente para fins elevados.

A arte nasceu provavelmente com a reproducção dos sonhos. Depois não eram mais os sonhos, quero dizer, os factos sonhados que se reproduziam, mas o proprio *estado de sonho* que se tentava prolongar mesmo fóra do sôno e que produzia novos sonhos imediatamente fixados em arte. Isso se dá sempre que a arte se separa nitidamente da historia. O poeta conta o que sonha. E' um *sonhador*. Ora,

sonho = utopia, desejo impossivel. Um desejo dificil que finalmente se realiza, *parece um sonho.*

Dizendo que não ha nada na imaginação, etc., o sr. Crémieux reconhece isso tudo. Mas não dá ao inconsciente o papel que lhe cabe. Admittindo que não temos o poder de ser insinceros, a sinceridade restricta á pequena parte considerada obrigatoria em nós, seria insuficiente. Porque si não ha nada na imajinação que não tenha estado no inconsciente, ha muita cousa no inconsciente que por si nunca chegará á imaginação. E' pçreciso atirar-lhes uma corda por onde possam subir. Considerar forçosa a sinceridade, é apenas um meio de não se preoccupar com ela, cousa que sempre se fez. Teria aplicação a uma crítica retrospectiva que quisesse apurar o coeficiente de sinceridade dos "mestres do passado"

Essa pretensa sinceridade obrigatoria é pretensa apenas. Da luta entre os desejos ou tendencias instinctivas e a censura, póde resultar a insinceridade por uma victoria momentanea da censura. Em vez de desviar ou reprimir essas tendencias, o consciente as anúla, desenvolvendo artificialmente a tendencia contraria. Exemplo: Tartufo. Ora, ninguem póde impedir que Tartufo escreva. Eis-nos outra vez sujeitos ao terror de ser insinceros e eis destruida a base da nova literatura proposta.

Eu disse ha pouco que ha cousas no inconsciente que por si nunca chegariam á imaginação. Não conseguem, por mais que se esforcem. Esfôrços que fazem a *tortura* de certos artistas. A tortura se fórma por um processo mental semelhante ao das nevroses. E' um estado patológico do espírito criador. Nesses casos, ainda que se admitam os principios do sr. Cremieux, sua teoria não satisfaz. Aos torturados não basta a não insinceridade. Precisam de uma sinceridade total que os deixe *curados* da

tortura. Sinceridade terapeutica. A n á l o g a aos outros métodos de cura por psicanálise.

A arte assim comprehendida póde ser censurada por hermetismo e incommunicabilidade. Defeito que apontam no dadaismo e no superrealismo. Não me parece defeito. Do que acabo de expôr, aceitando Freud, conclúe-se que arte é satisfação pessoal. Recentemente, respondendo a uma *enquête* das *Nouvelles Littéraires*. Bernard Shaw disse exactamente o contrario. Para êle "a auto satisfacção será a ruina da França" Não tem razão. Arte é funcção individual. O artista não deve se preoccupar com nenhuma especie de publico. O público, como a Mulher na Tragedia de Mario de Andrade, é uma "coisa que acontece" O artista se satisfaz, ou procura se satisfazer. Saber si tambem satisfaz aos outros, é serviço da crítica. Para o julgamento entram factores novos. Entre outros, e principalmente, o gráu de originalidade. Obra que não resulta de uma auto-satisfacção, é artificio e não arte.

O gozo quasi físico que se segue ao acto da criação artistica é igual ao que acompanha a confissão religiosa (desta ha excelente exemplo no *Dedalus,* de Joyce) ou, em menor escala, a uma confidência.

Porque arte, em suma, é confissão. "Pourquoi ecrivez-vous?" perguntava *Littérature.*

— Escrevo pra me confessar. E' a única resposta.

Confessar o quê? O artista não sabe. Os simbolos ocultam suas tendências instinctivas. Êle sabe que confessou alguma cousa porque se sente bem. A crítica que descubra o quê, a exemplo do que acaba de tentar o sr. Charles Baudonin no seu livro sobre Verhaeren.

Essa concepção nos leva ao mais completo individualismo. Romantismo dos sentimentos, romantismo da razão (Renan, France, talvez Gourmont), romantismo da a c ç ã o (Barrès) romantismo do conhecimento (Proust, Gide); agora, romantismo do inconsciente.

* * *

O sr. Crémieux receia uma literatura que se reduza á notação dos sonhos ou dos estados psicológicos que pódem ser comparados a êles.

Realmente é um excesso. Passageiro. Talvez necessario. Podendo produzir obras admiráveis, esse processo empregado esclusivamente é fastidioso. Causa. O monólogo interior já começa a aborrecer. Provocou mesmo uma sátira do sr. Jean Giraudoux em *Juliette au pays des hommes.*

* * *

E' preciso escapar desse excesso. O superrealismo esplorando o inconsciente *á outrance*, incide no proprio defeito que quer combater. O preconceito da sinceridade produz uma sinceridade falsa. Sendo impossivel suprimir a acção do consciente, a auto-sugestão tirará do inconsciente cousas que êle não tinha. Reduzirá êle a cartola de prestidigitador.

Os superrealistas serão *sinceros demais,* como o homem que passou por cima do caválo e caíu do outro lado "montou demais"

Em todo caso, não ha que recear o automatismo do movimento Dada, junior. E' uma pequena fase, em breve transposta. As gerações que vierem hão de tomar o problema como o encontrarem. E saberão desenvolvê-lo por si.

Em vez de "esplorar o inconsciente pela sinceridade e pela introspecção", o sr. Crémieux quer

fazê-lo esplorar pela imaginação — e aí é que êle se engana. Parece-lhe que assim conseguiremos esquemas psicológicos que sejam realidades concretas desincarnadas (Desincarnadas, como si deve ser completa a separação entre o homem e o artista?). Essa literatura "ofereceria amostras de homens aos seus leitores. A arte, em vez de espiar a vida, lhe serviria de modelo".

Velha idéa de Wilde. A imaginação não póde substituir a introspecção.

Póde e deve completá-la. A literatura tem lugar prás duas.

* * *

Si vim me meter nessa questão que parece unicamente francêsa, é porquê tambem póde nos interessar.

Nosso problema literario é diferente do dos francêses, mas tem com o dêles alguns pontos de contacto. Enquanto tratamos de formar uma literatura, êles tratam de re-formar a sua. Si os fins se parecem, os meios são opostos.

Precisamos nos libertar das influências estranjeiras o bastante pra termos fisionomia propria. Êles precisam se submeter *o mais possivel* ás influências estranhas. Sabem disso. Têm esplorado os russos, os ingleses, os negros, embora. Gritam todos com os dadaistas: "A bas le clair génie français"

O Brasil é novo. Menino ainda. A França tenta rejuvenescer.

Prudente de Moraes, neto

P O E M A S

CAMELOTS

Abençoado seja o camelot que vende brinquedos
[de tostão.
O que vende balõesinhos de côr
O macaquinho que trepa pelo coqueiro acima
O cachorrinho que bate com o rabo
Os homensinhos que jogam box
A perereca verde que de repente dá um pulo, chi
[que engraçado!
E as canetinhas-tinteiro que jamais escreverão
[coisa alguma!

Alegria das calçadas.
Uns falam pelos cotovelos:
" — O cavalheiro chega em casa e diz:
Meu filho vai buscar um pedaço de banana
para eu acender o charuto. Naturalmente o
menino pensará: Papai está malu. "
Outros, coitados, têm a lingua atada.
Todos, porém, sabem mexer nos cordéis com aquele
[tino ingênuo de demiurgos de utilidades.
E ensinam no tumulto das ruas os mitos heroicos
[da meninice.
E dão aos homens que passam preocupados ou
[tristes uma lição de infancia.

COMENTÁRIO MUSICAL

O meu quarto de dormir a cavaleiro da entrada da
[barra.
Entram por êle dentro os ares oceanicos.
Maresias atlanticas.
São Paulo de Loanda, Figueira da Foz, praias de
[Irlanda.
O comentário musical da paisagem só poderia ser
[o susurro sinfônico da vida civil.
Entretanto o que ouço neste momento é um silvo
[agudo de saguim:
A minha vizinha de baixo comprou um saguim.

Rio, 1924.

Manoel Bandeira

O RATO, O GUARDA CIVIL E O TRANSATLANTICO

Para o Alvaro Moreyra.

Alguma cousa segredavam-se áquella hora o cáes e o transatlantico recem-chegado. Estavam atracados.

Quasi deserta, a praça inunda-se de um sol tal que debaixo delle, guardando o molde dos pés transeuntes, o asphalto se faz docil.

Que sól!

E que fazem as arvores que não intercédem a favor da gente? Apenas algumas, de poucos recursos vegetaes, deixam cahir no chão, já agora um caoutchouc elastico, o nankim desaproveitado de sua sombra. São ossudas e verticaes, como mulheres magras que nunca se casaram.

O paquete viéra de atravessar o Atlantico, mas não dava mostras de cansaço.

Era um colosso. E o guarda-civil, seu admirador principal, ficára a contemplal-o a respeitosa distancia.

Delle se desprendiam accórdes de orchestra, como si lhe fosse musical a fumaça das chaminés.

O monstro havia entrado alta noite em silencio e todo illuminado; desde a madrugada conservava-se assim em intimidade com o caes.

Passageiros de binoculo olhavam do convez para o Brasil e recebiam de chofre nas retinas a aggressão das cordilheiras.

Um joven estheta allemão, negociante de motores, largara o chop e viéra ao convez para fazer o diagnostico: "Cubismo nas montanhas, *pointillismo* no mar e arrivismo na cidade. Natureza virgem, imprevista, barbara, etc., etc... População gesticulante. Pigmento vario. Sól. Material para theorias estheticas. Este paiz precisa de machinismos e de philosophias. *Przf.*"

Suspenso o *flirt* de bordo, seguiam-se as exclamações em diversos idiomas:

X: — Charmant pays!. .

Y: — Dio mio, como e bello!.

X': — What a good nature!.

Z: — Wunderbar!!

H: — Caramba! Que hermozo! Es otra vez Andalucia.

Todos: — Oh! oh! ohhhh.

Um surdo-mudo, que só tomou parte na ultima exclamação, impossibilitado de explicar o seu enthusiasmo, atirou-se ao mar.

Não sabendo si Brasil se escrevia com s ou z, um inglês escrupuloso sentiu-se incommodado e não quiz desembarcar.

Havia festa. O mundo inteiro é uma festa! Já o guarda anda desconfiado disso.

Sua imaginação andou para atrás no tempo e evocou a cathedral parecida com aquillo, em que costumava entrar na infancia para rezar. Elle é moreno, ar infantil, olhos mais sonhadores do que vigilante tem a preguiça no corpo, mas é brioso de animo. No fundo, repelle a farda e prefére, por exemplo, ir-se embora naquelle navio. Quando não está de serviço, lê romances de engraxate e de estra-

das de ferro, dentro dos quaes vive mais que na vida.

Com a emoção da chegada, a bronchite que grassava na 3ª classe começa a fazer um grande barulho, semelhante ao protesto dos collegiaes nos internatos.

O paquete de uma só vez trazia um mundo de cousas, tanta cousa junta que só a carga dessa viagem dava para despersonlizar o Brasil inteiro O casco do navio estava impregnado do universo!

(O' meu paiz, cada vez que toca em teu littoral um transatlantico, sinto que estreméces como o corpo virgem ás mãos do seductor. Dia virá em que ha de ser um só caes febril a tua infinita costa!)

Caes e transatlantico continuavam atracados confidenciando-se. Os passageiros aproveitavam o idyllio para descer, e o navio, que podia perfeitamente interromper aquelle desembarque e partir pelo oceano fóra, deixava-se ficar, não se importava. Como soltasse agua pelos orificios competentes, parecia ter arrebentado alguma veia. Mas o guarda não receiou pela sorte delle, porque já notára essa diurése marinha em outros companheiros, transatlanticos daquelle tamanho quasi.

— E' pena, reflectiu, nenhum fica. Deixam depois o caes e vão-se embora. São todos assim. Fazem com o caes o que fez Sebastiana commigo. Sebastiana!.

De uma rua que dá na praça eis que desemboca um grupo em rixa. A lei estava violada. O policial interveio, providenciou e restabelecida a ordem ineffavel, voltou a seu posto para enamorar-se do transatlantico.

— Sim, senhor, que colosso!. E tão mansinho! Mas dizem que no mar alto elle é feroz!. Um dia embarco tambem.

Elle observava admirado as creaturas que desembarcavam. Homens de negocio, mulhéres complicadas, americanos avermelhados, touristas, gente difficil que a nave arrebanha pelos portos deste vasto mundo.

Depois, immigrantes famintos, caftens vorazes, e anarchistas melancholicos.

O navio paternalmente deixava a todos sahir.

Ao lado, diante de umas malas de cabine, uma francêsa sorria, achando facil a vida. Sorria para todos e para tudo, como faz ha muitos seculos. E o guarda tambem sorria para ella, emquanto um estivador musculoso olhava com furia para o Pomerania algodoado que ella acariciava nas mãos sem anneis.

— Um dia embarco tambem.

Num grupo destacou-se um senhor de incontestavel importancia que parou para ser photographado, sorriu e foi photographado com flores na mão e cavalheiros attenciosos ao lado.

— Aquelle está bom para presidente, opinou o guarda.

Por ultimo as malas. Dentro dellas os productos, a moda, as idéas, cousas novas para o paiz novo. Vinham ulceradas de letreiros indecifraveis. Dormia lá dentro o mysterio. Contratos escandalosos, inventos, emprestimos, cartas de amor, planos de guerra, livros anarchistas, joias falsas e de vez em quando um cadaver de millionario ou de mulher fatal — os reputados maiores segredos do mundo cruzam os mares dentro de malas e valises.

— E' possivel haja uma grande confusão pelo outro lado, — reflectiu o guarda ante a algaravia polyglottica dos letreiros.

Ao longo do caes, os guindastes desoccupados pareciam-lhe girafas a olhar.

Havia no ambiente uma actividade entre mundana e alfandegaria.

Afinal, quando nada fosse, tratava-se de um grande navio que se encostara ao Novo Continente... O choque de dois mundos abrandado pela ternura do caes.

A' chegada de um combio ou de um paquete sempre se espera ver descer um conhecido. Tem-se mesmo a necessidade de adoptar um amigo para abraçal-o perante o publico. Lembrara-se o policial de que, quando criança, seu avô lhe mostrara o retrato de u mamigo, cujo filho, Pantaleão Bellini, havia seguido para a Europa e se ficara por lá. Que msabe estava elle alli em meio de tantos estrangeiros? O guarda procurava Pantaleão Bellini.

Debaixo de um sól inamovivel, a praça teve alguns minutos de vida cosmopolita. O asphalto gravava novos moldes de pés.

Mulhéres que se aposentaram no Velho Mundo affluiam de Varsovia, de Napoles, de Paris e de Moscou á busca da revalidação sexual na America. Vinham algumas cobertas de joias, outras cheias de sabedoria, todas com o Wassermann positivo e rigorosamente vestidas.

O guarda já apaixonado pela f r a n c ê s a que sorria incansavelmente junto ás malas, conjecturava o que podia fazer por ella. Divina! Seu coração presentiu um escandalo, um rapto, um desfalque, um homicidio, pelo menos. . Viu a morte nos olhos da tentadora internacional e começou a rezar

Homens de maneiras frias e o adunco judaico do nariz na cara semitica desciam para fazer negocio, montar casas de penhor e, conforme as leis, tentar o commercio branco. Vinha a luxuria no corpo das primeiras; no espirito dos outros a astucia.

Dentre varios touristes hypocandriacos, alguns, não se tendo suicidado em tempo, desciam com esperança de curarem em novas terras a neurasthenia contrahida nas velhas civilizações. Britannicamente entediados, fechavam a bocca que só dava entrada ao charuto e sahida para a respectiva fumaça. Entrevistados pela reportagem dos tropicos, negavam-se a dizer qualquer cousa, e, como fossem polidos, offereciam charutos aos rapazes jornalistas, que ficavam satisfeitos.

Um mutilado relatava a um repórter a historia patriotica de seu braço direito levado por um obuz na batalha do Marne; outro, com lagrima nos olhos, contava a mesma cousa da perna esquerda que se ausentou do tronco em companhia d'algumas phalangetas da mão direita. Um russo, que se dizia pintor e amigo de Strawinky, affirmava ter-lhe cabido a honra do primeiro tiro em Rasputin.

O guarda sentiu abalos na sua estructura moral. A chegada daquelle navio, o desembarque, as malas, as phrases em estrangeiro, a franceza—tudo o perturbava e parecia querer corrompel-o. E foi presa de um accesso nativista.

— E' um desaforo! déscem para fazer uso da nossa patria.

O navio estava agora a sós com o caes. Parecia que anciava por esse momento. Vasio o ventre daquellas gentes e bagagens que elle trouxéra de fóra e que acabavam de ser despejadas na terra de Santa Cruz, sentia-se leve e alteado pelas proprias ondas.

— Olha que são oito milhões de kilometros quadrados! — referia a meia voz um immigrante a outro immigrante que se chamava Carducci e que estava desanimado.

— Emfim, consolou-se o guarda, o paiz precisa entender-se com o resto do mundo. Os navios não têm culpa.

Lá vem a francêsa. Que ainda estará fazendo alli a francêsa? Sorrindo. O guarda junta as imagens mais doces que sabe e attribúe-as á francesinha que o está enfeitiçando.

— Yára, leva-me em teus braços.

— Guarda, deixa-me peccar fóra das leis.

A praça, passada a agitação do desembarque, fica mais erma ao sol do meio dia. Paréce um ring de patinação logo após um grande desastre.

Áquella hora dava-se na cidade um phenomeno thermico-social, tão commentado como os maiores escandalos. Era o calor, que se combate nas sorveterias, debaixo dos chuveiros, nas casas de chopp; o calor de que se maldiz desejando-o voluptuosamente nas praias de banho; o calor que expõe o corpo das mulhéres, multiplica os delictos carnaes, e inspira idéas monstruosas aos imaginativos. O calor longe do giro unanime dos ventiladores, endoidecendo a população nas praças cheias de labaredas.

— Bom é ficar dentro dagua como o navio.

O guarda a um tempo suava e imaginava e, depois que foi autorizado pelo thermometro, começou a sentir calor officialmente.

Installara e a preguiça no céo. Tempo ideal para um Congresso de Opio. As arvores no auge da canicula suspenderam o fornecimento de sombra Um absurdo, pois todo mundo quer iver á sombra de alguem ou de um chapéo de sól. O grito do sorveteiro lança no ar uma hypothese de frescura.

De um quinto andar uma rapariga quasi despida reclina o busto para espiar Tenta ler: "Cap. Cap. Cap. " — mas o sól turva-lhe a vista e derréte as outras letras que se fundem.

E o navio fica-lhe sendo apenas um grande navio sem nome.

O guarda olha para os lados, e furtivamente arranca do bolso uma brochura "Aventuras de Simbad, o Marujo". Leu. Tirou depois um caderno de modinhas. Declamou. Como não havia nada, só lhe restava cochilar. Cochilou. Paréce que o transatlantico tambem.

Silencio!.

Ouviam-se accórdes da harmonia universal.

. . . .

Tripulante retardatario, passageiro anonymo, eis surge no alto da escada, risonho, mas cauteloso e com visiveis signaes de quem quer descer, um rato. Um rato e nada mais.

Bem o divisara o guarda da sua semi-somnolencia atordoada.

Ergueu o focinho ao céo e deslumbrou-se da claridade que o enchia. Quanta luz! Que paiz será esse, maravilhoso assim?

O cheiro de cereaes que o vento levava dos armazens visinhos para o seu olfacto accordara-lhe o instincto profissional exercitado nos emporios europeus. Diante de tão imperiosa solicitação resolveu ficar.

Desceu a escada com muito geito, com calma, certa elegancia de maneiras e bastante esperança. Desceu com a dignidade impropria de um rato.

O transatlantico nada percebia, distrahido com o caes. O guarda é que via tudo.

Acompanhou os movimento do minusculo immigrante e ficou desconcertado. Notou o espanto quasi humano que se desenhou no rosto delle quando do alto da escada contemplando a cidade cheia de luz, orlada de montanhas. Ficou quiéto. Quiéto, porém reflexivo. Desandou a imaginar. Fazia considerações que a canicula concorria para tornar

imprecisas, se não absurdas. Esteve horrorizado com certas conclusões de um raciocinio. Era o calor

Formara-se grande atrapalhação em sua cabeça. Aquelle rato não podia deixar de ter qualquer cousa de anormal. O ar malicioso, o olhar intelligente. Certamente, era um rato de tratamento, deshonesto como todo rato, mas fino e especioso, com o dom do raciocinio e noções geraes sbre as cousas. Bastava a circumstancia de seu passageiro de um transatlantico de luxo.

Fosse como fosse, havia qualquer cousa de espantosamente humano em sua maneira de olhar, de gesticular, de saltar com prudencia e de cheirar com volupia. Além do mais, era europeu, e da Europa, como de Nova York chegam diariamente cousas fantasticas.

Quem lhe poderia assegurar que com aquelle mammifero displicente não aportava ao Brasil uma cousa fantastica ?

A superstição confirmava as hypotheses da imaginação. Diante do desconhecido, o guarda ficou mais humilhado que curioso. O homem enfatuado humilha-se de reconhecer as suas maneiras num cangurú, num macaco ou num sapo. E o rato assimilava modos de *homo-sapiens*. O novo hospede pisou o territorio nacional.

Sentiu uma emoção exquisita. Olhou depois para os lados e certificando-se de que não havia gatos em torno, baixou o focinho ao chão religiosamente, mas fel-o com tal respeito e frenesi que mais parecia um beijo.

O beijo com que recolhera no original o primeiro cheiro da terra brasileira.

Ao olho agora bem estatelado do guarda não passou despercebido o gesto gentil do roedor europeu. Não! positiamente. aquillo era um camon-

dongo especial, um rato de categoria. Poderia vir imbuido de idéas anarchistas, de principios prematuros soprados de Moscow sobre a America do Sul. E o guarda fôra instruido de que caminhavam pelo planeta idéas diabolicas. Algumas dellas já haviam chegado até nós, mas cahiram como corredores ao termo da prova.

A terra move-se sob o signo da Extravagancia, cuja influencia já désce ao Brasil innocente e começa a atordoar o policial desprevenido.

Assim considerando, deliberou deter o animal. Teve impeto de matal-o a *casse-tête*. Impeto apenas, porquê depois recuou da imprudencia com superticioso receio.

Não, pensou comsigo, trata-se de um rato de ceremonia, europeu provavelmente e incontestavelmente passageiro de um transatlantico; talvez nem seja rato, tendo deste apenas o physico miudo e o pêllo inequivoco; talvez venha cumprir um destino no paiz.

O guarda não sabia si devia esmagar o animalzinho sob os pés, ou si adoral-o como uma divindade nova.

Sáem tantas cousas absurdas de um transatlantico!.

O hospede ouve o rumor da cidade e deseja conhecer cousa nova.

O asphalto arde-lhe tanto nos pés que o faz dansar contrariado.

Vê á frente, á sua disposição tres ruas como tres destinos que se lhe abrem.

Dirige-se para o guarda. O gesto é de quem vae colher informações. A meio caminho, pára como quem *pósa* para o photographo. O policial já não tem mais duvida. Arrepia-se; subita sensação de frio de quem chega a Petropolis. Iria prestar infor-

mações a um rato, iria admittil-o como interlocutor humano.

Mas emquanto este se concentra, o guarda cáe em transe philosophico. Pensa nas cousas, toléra tudo e quasi já admitte o rato como phenomeno plausivel, filho de um seculo de absurdos. Desconfia que vae por este mundo de Deus uma festiva animação e quér tomar parte em tudo. São os hoteis, são as mulhéres, são os navios que não param quietos, são os aeroplanos que voam; é a dansa, é a musica por toda parte. Na terra uma kermésse, no mar uma festa veneziana. O guarda achou tudo admiravel. Seus labios preparam-se para deixar passar um conceito dissolvente. Ms elle é prudente, nada dirá; sete annos de serviços, e um rheumatismo incipiente já lhe vêm despertando as primeiras covardias.

Sentindo, porém, que ninguem o percébe, abre um sorriso molle, combinação feliz entre o da Gioconda e o de Carlito. Momentos depois, entre os labios dilatados pelo sorriso, o conceito sáe, como bala atrazada depois da detonação: "uma festa este mundo!. Franqueza. "

O pronunciamento philosophico-policial era profundo, apesar de vulgar, e como se verificou a 39' á sombra de um guarda-chuva, e diante de um transatlantico de muitas toneladas, não podia deixár de ser peremptorio.

Definido assim o mundo, o guarda voltou ao rato. Mas voltou menos alarmado, quasi tranquillo, como o amante ao lado da mulhér na noite em que pensa tel-a comprehendido.

Era já o Signo da Extravagancia irradiando plenamente em logar do Cruzeiro do Sul.

Tudo tinha explicação, menos aquelle rato e o telegrapho sem-fio. Era certo que na vida do guarda o sorriso de Sebastiana tinha-se tambem

consumado uma cousa mysteriosa. Mas o mais.
tudo se explica. Por exemplo, as mulhéres que desembarcaram do navio antes do rato, estando alegres e bem vestidas, vinham com certeza para animar a Nação, distrahindo os congressistas e distribuindo caricias ao alto commercio. O proprio navio si alli estava parado era por causa do caes. Tudo se explica, reflectiu o guarda. O sól, se brilha, é para que não haja escandalos na rua, como nos cinemas, e as montanhas, si são altas, é por causa do panorama que dellas se descortina, — mas aquelle rato estava na obrigação de ser rato e nada mais que rato. Já que assim não era, seja admittido como um rato de excepção. E seja entre nós bemvindo um rato providencial.

Elle ou ella? Rato ou rata? Dos ratos em geral ficara-lhe na memoria uma reminiscencia grammatical da edade escolar: "—rato, substantivo masculino, singular singular" Era o que sabia de rato, noção que o não habilitava a precisar o sexo do que desembarcou. Tambem que adianta hoje o sexo? A cidade está cheia de rapazes tão lindos e de raparigas tão sportivas, que só os podem differençar os medico-legistas e nunca os esthetas.

O que descera do navio era, pois, um substantivo masculino singular.

Ha alguns metros do guarda ainda quedava o insigne roedor. Era evidente que estava raciocinando, formulando um programma, o programma da entrada. Eram tres ruas em frente, á escolha. Saltaria nalgum taxi por causa do calor; entraria na cidade de taxi. Foi quando lhe occorreu a idéa de voltar para despedir-se do transatlantico, que o trouxera a tão imprevisto mundo, e guardar-lhe a quilha branca na retina.

E olhou saudoso o quieto paquete. Na verdade não lhe correra bem a viagem. Em Biscaia

muito mar com enjôos; dias depois quasi o mata o salame de bórdo; no Havre escapou de ser frigorificado ás ordens do commandante; pouco antes de Vigo, um capitalista com evidente maldade, atira-lhe na cara as cinzas do charuto. Durante nove dias seu olho direito ficou camoneano. Finalmente, ao entrar na bahia, pisado de bôa-fé por uma prima dona de companhia lyrica. Nem por tudo isso se maguára com o transatlantico.

Por sua vez, o policial considerava no destino que o fizera guarda-civil. Não nascera para isso, nascendo para diplomata. O programma do seu idéal falhára nesse ponto. Quanto á fazenda de café em S. Paulo, ainda tinha esperança de adquiril-a. Emfim, era guarda-civil em caracter provisorio, esperando ha sete annos cousa melhor.

A sorte parecia sussurrar a este optimista: "tem paciencia, espéra um pouco, mais sete annos ou quinze; vae continuando assim mesmo, policial ou cousa peior, pouco importa, serás tudo depois..." De repente ao contemplar o *casse-tête* teve uma rapida sensação de que era autoridade, como o sportman nú que, após o exercicio, diante do espelho, obtem dos musculos entumescidos o direito de affirmar: — "eu sou um coloso!".

Era autoridade, estava alli para manter a ordem, fazer respeitar a lei, cumprir o dever. Iria cumprir o seu dever.

Mas preferiu dormir.

Dormiu e sonhou.

Sonhou que viajava naquelle mesmo paquete, deixando ao paiz sete annos de serviços, e levando comsigo uma dansarina russa de meio sangue Romanoff, muito friorenta. Viu outros portos e metropoles encantadas. No convez brigou com um argentino, dansou com uma chilena, discutou com um allemão e foi roubado por um turco. Viu sereias do

tempo de Ulysses encantadas com o jazz-band universal que se está ouvindo agora pelos oceanos e descobriu o velho Neptuno escondido sob o casco de um navio velho, envergonhado de não saber dansar. Cruzou no mar alto outros paquetes illuminados, sonóros de apitos, de orchestras e cantos.

E concluiu que este mundo é uma festa.

Tudo dansa sobre a terra, sobre o mar dansam todos os navios.

Emquanto o guarda viaja, o rato procura pôr em pratica o seu melhor methodo de entrar numa cidade. Aos poucos se foi informando das instituições, dos comestiveis, dos grandes nomes nacionaes. Convinha instruir-se préviamente ácerca das cousas da terra. Para tranquillidade sua, assegurou-se de que o clima era bom, de que não havia muitos gatos. Depois,, como appêllo hereditario, um desejo diabolico de roer, como quem, roendo sempre, aqui viésse cumprir um destino.

E, não tendo encontrado taxi, entrou satisfeito na cidade, em passos de fox-trot accelerado que o asphalto quente ainda tornava mais vivaz.

Eram quatro horas e vinte cinco minutos da tarde.

Machucara-o numa das esquinas a vassourada de um caixeiro lusitano. Não estava sendo bem recebido. Pouco lhe importava. Elle trazia o destino de roer, elle queria encontrar o que roer. Já pretendia farejar os in-folios da Academia e os queijos mais frescos da Republica; ansiava pelos casacos mais velhos da Monarchia, dentro dos respectivos moveis coloniaes; ia deliciar-se com as fardas que restavam do Paraguay; ia, emfim, iniciar a santa roedura de tudo o que nesta terra virgem não estivesse exposto aos raios directos do sol e da vida. Tudo seria minuciosamente roido. Não era só pela terra. Era pelo desejo de roer, sem motivo, risonhamente.

A francêsa ainda persistia sorrindo ao lado das malas. Alguem fazia perguntas, que ella não entendia.

— Sua profissão ?

— *Femme fatale.*

Sonhando incorrigivelmente, o policial proseguia na viagem com o mar diante dos olhos e a bailarina dentro dos braços. Recebeu a caricia de todas as cousas, e a melhor caricia que é da agua, achando o mundo uma maravilha.

Navegando, viajou até Shangai.

Quando, na remota cidade chinêsa, estendia a mão á risonha victima dos *soviets* para descerem juntinhos, foi accordado ás sacudidelas por um cidadão que reclamava os seus serviços. E como chegara a hora de algum attentado ao pudor, era precisamente disso que se tratava.

O guarda teve que regressar urgentemente da China para abrir os olhos na praça Mauá.

— Pois o senhor não comprehende que eu estou chegando da China!. Espére um pouco, tenha paciencia. Como é longe a China!.

Fez esforço afim de não misturar sonho e realidade, baralhados em seu espirito cheio de resonancias maritimas. Depois de uma operação mental complicada, conseguiu isolal-os e ficar com a parte de realidade, de que precisava para responder ao queixoso. Até o ultimo momento antes de deliberar qualquer cousa, a russazinha dos Romanoff ainda o atrapalhou.

Accendeu o cigarro.

Á fumaça compareceram o transatlantico, a dansarina, a francêsa, o rato e um panorama parcial de Shangai. Parecia fumaça de cachimbo chinês, de tão concorrida. Acabou conseguindo restabelecer em si a unidade moral, desaggregada pelas emoções e dissolvida pelo calor.

Quiz experimentar si estava em condições: "França, capital Pariz. 7 e 7, 14. Minha mãe se chamava Balduina, meu pae, Romero. Devemos amar a patria. Nãose deve cuspir no chão nem desejar a mulhér do proximo. Rockfeller é millionario, eu, não; eu sou guarda-civil. ."

Verificou que podia. E recahiu no phenomenismo profissional.

Dilatou a vista para o caes. Que é do navio?.

Sem nenhum motivo o transatlantico abandonára o caes.

Ingrato!. Não disse?. Todos vão-se embora.

Pobre caes!.

Com grande exhibição de fumaça e disposto a ganhar o oceano, o paquete ia fugindo veloz. Nada o fazia voltar. Estava resoluto e de ar avalentoado. Corriam-lhe atraz as ondas, que depois desistiam, como cães que correm latindo ao comboio em velocidade. Já navegava longe, mas ainda era grande e visivel como um annuncio de dentista. O oceano dentro em pouco ia devoral-o.

O caes voltava á sua nostalgia especifica.

Embarcações ligeiras encostavam-se a elle com doçura, procurando consolal-o. Mas elle repellia esses contactos e já esperava ansiante outro transatlantico que vinha chegando barra a dentro, carregado de promessas.

Os caes agora só querem saber de transatlanticos.

A nave desertora já entrara na jurisdicção do almirantado inglês. Sumira-se.

O guarda lembrou-se das montanhas que desappareceram atraz da garupa do seu cavallo, quando partiu da terra natal.

Montanha, parto da montanha. ah! onde estaria o rato, o seu rato?

O Signo da Extravagancia exercia-se agora com alarmante intensidade.

— Mas, afinal, o senhor não me attende! E' um absurdo. Não se tem garantias neste paiz — gritou o queixoso ao guarda impassivel.

Com uma grande innocencia nos olhos, o policial fitava o caes e não se mexia. O vento atirava-lhe o kepi para longe. Que importa o vento!

Alheio a tudo, dizia cousas baixinho, de vagar e quasi cantando:

— Oh! estava chegando em Shangai. Shangai. Como é interessante o mundo!. Eu não sabia que era assim. Ninguem nunca me disse que o mundo era assim. Eu bem desconfiava. Tão longe, Shangai!.

— ! !

— Com dansarina russa, nunca mais ! nunca mais!. Romanoff. Voronoff. Roskoff. offf.

— ! ?

— .rato, substantivo masculino, singular. singularissimo. sing.

— ! ! ! !

— Coitado do caes! nunca mais! nunca mais.. masculino, singular. Shangai. Shang. O senhor tem callos? Só tem callos quem quér... Quem é o pae da criança? Eu não sabia que o mundo era assim. Que belleza este mundo!.

Teve a sensação de que era cock-tail, depois que era ventilador, quilha de navio, rato e finalmente que não era nada. Fazia contracções com os dedos estrangulando Luiz XVI e em seguida uma criança. Ouviu o padre Vieira e passou-lhe uma vaia. Tomou sorvete ao lado de Landru, Cleopatra e Sete Corôas. Pisou no callo de Mussolini e interveio na politica inglêsa assobiando a "Gigolete". Deixou a cachoeira de Paulo Affonso pingar dentro de seus olhos e,

logo depois, jogou pocker com Napoleão. Acabou fumando o *casse-tête*.

Mas, como e s t a v a uniformizado, continuou guarda-civil até ás sete da noite, hora em que recebeu ordem de partir com urgencia para o Hospicio, onde accordou no dia seguinte fazendo apreciações sensatas sobre a China. para onde seguia num luxuoso transatlantico em companhia de uma porção de ratos maliciosos.

Annibal Machado

P O E M A S

BOXE

Gloria do ring
Descarga electrica
Diz o visinho que o swing fulminou
Carpentier! Carpentier! Carpentier!
E o campeão sorri ao lado do Ursus estendido
Eis Siki desafiante no tablado
E o hymno nacional das ovações
Musculos aços braços sem cansaços
O seculo vibra todo
Na elegancia desse cheque-mate
Fóra o xadrez e os bilhares de ventres prudentes
As folhas mortas e os decadentes
Renascimento das Espartas sadias
Para brilhos nunca dantes inventados
E temos o direito de parodiar Camões
Porquê somos os classicos do futuro.
Ou no minimo o futuro dos classicos.
(Boa piada!)

(os "Poemas Analogos").

SAINT-CERQUE

Melancolia
Tarde é teu crepusculo
Que eu bebo neste copo

Todas as rosas morreram
Que importa!
Mais do que as rosas o meu vaso é bello

PARIS

Janella
O catavento parece um quadro de Léger
Bailado negro
Exercito de chaminés
Capacetes
Casas leprosas abrem palpebras cansadas.

SÃO PAULO

Dos violencellos dos viaductos
Sobe a simphonia da circulação
São Paulo!
A rua de S. João cheira a café
Confundem-se os estylos nessa riqueza sem cultura
Agricultura
Apicultura
Que loucura!
Longinquo o desafio dos trens e das usinas
O sol faz brilhar multicor a bandeira das ruas
Inevitavel associação de idéas:
Bandeirantes!
Mas para que conquistes?
Spaghettes nacionalistas
Avassalaram nosso Ipiranga
Ironia dos "Independencia ou Morte"!

Sergio Millet
(do "Milreis a Duzia").

RELATIVISMO E SCEPTICISMO

A onda romantica conduziria ao mysticismo e dessa hypertrophia ao scepticismo. O seculo XIX, da duvida de Kant, volveu á duvida metaphysica, a que chegaram positivistas, evolucionistas e materialistas, desilludidos de penetrar na essencia das coisas, pela simples ajuda da intelligencia trabalhando com os dados scientificos. E os que pretendiam attingir á Verdade, comprimidos deante de um impossivel que os devorava impiedosamente, libertaram-se pela negação, mas uma negação esquiva, por fingir acreditar que tudo é illusão e que o erro equivale á verdade. Nietzsche foi o primeiro a exclamar — *do erro vem o conhecimento!* Tudo, assim, apparecia como uma allucinadora illusão, em que a consciencia era uma vertigem e o universo inteiro o seu espectaculo ficticio. O *ser* deixou de ter sentido e só *parecer* se deveria dizer, nesse assombramento de todas as cousas. Ia-se além do idealismo absoluto e, por um golpe audacioso, a intelligencia desappareceria sob o jugo da imaginação. Raciocinar não seria mais escolher e sim criar. *Nada é,* na deslumbrante ficção universal.

Para confirmar o extranho delirio, invoca-se o relativismo. Si na mathematica e na physica as leis vaccilaram, si a hypothese se tornou regra acceitavel e commoda, por força transitoria (Poincaré); si desappareceram as referencias e a natureza não

é independente do espirito, que nelle se projecta e se funde (Einstein), confirma-se irreductivelmente a illusão, e Hans Vaihinger é que tem razão com a sua philosophia do *como se*. A conclusão é o scepticismo, reconhece Adriano Tilgher que lhe faz a apologia, no seu interessante opusculo *Relativisti Contemporenei*.

Procurando fixar as figuras principaes do movimento relativista, que conclue pela contingencia das leis naturaes, ou melhor, pela contingencia de nossa percepção delles, o escriptor italiano não vacilla em chegar ao scepticismo mais estremado, antes parece animado de extranha volupia ao projectar-se nesse abismo estonteante. Porque a affirmação negativista o infla de desmedido orgulho, o orgulho vasio de quem reconhece a sua impossibilidade e fraqueza. Torna esse orgulho um acto de fé, porque o faz uma posição de vontade.

Volvemos assim a uma feição do individualismo extremado, de "somos o que construimos", de Pirandello, espirito moderno, mas ainda com residuos do seculo passado. Ao invés do romantismo, em que o homem se afastava do Universo, desilludido de comprehendel-o, o individuo, sem mais confiança na intelligencia, se projecta nas coisas e dellas faz as referencias de seu *eu*. Cada qual tem a sua verdade e a "rasão é a generalisação do empirismo quotidiano". Portanto, o scepticismo a que se quer chegar não varía muito, em essencia, daquelle a que se atirou Kant em face do inintelligivel *noumena*. Collocar a verdade acima de nossas possibilidades é o mesmo que della fazer uma contingencia nossa, portanto despil-a do seu caracter significação essenciaes. A verdade intangivel é tão monstruosa como a illusão de todas as coisas, uma e outra nos opprimem e o scepticismo resultante, por uma logica irremediavel ou pela affectação de

um acto de vontade, não nos deixa mais esperanças. Encerra-se o circulo vicioso.

E' que novamente a razão pretende ir além de seus direitos e deparar a chave de todos os enigmas do universo. As conclusões da sciencia não podem prevalecer no terreno da metaphysica, porquanto aquella joga sómente os dados da experiencia e esta apenas os utilisa como meio de se elevar até o supremo conhecimento da verdade, que é Deus. Não cabe discutir aqui o conceito da Verdade, o sentido adequado do sêr e da intelligencia — problema que mais uma vez retomou para conduzil-o com admiravel nitidez Jacque sMaritain nas suas *Reflexions sur l'Intelligence* (Paris, 1924) — mas de analysar a posição da intelligencia em face da verdade. Temos que consideral-a além de nossas possibilidades ou limitada a ellas? Naquelle caso, a sua existencia não nos póde interessar, porquanto tudo o que está fóra de nossa percepção é como se não existisse. Neste, não podemos harmonisar o conceito, que tem de ser absoluto, com um conhecimento por força relativo.

Foi em face dessa difficuldade que Hans Vaihinger, retomando Nietzche, chegou á dúvida, numa fórma retardataria do irracionalismo mystico. E' preciso não esquecer que Vaihinger escreveu a *Philosophia do "Como se"* de 1876 a 1878, posto só a publicasse em 1911. Pregando a acção, mas para sustentar que tudo é ficticio, tudo é *"como se"*, onde o erro e a verdade se confundem ondeantes, conclue o philosopho allemão que "o pensamento é o erro regulado". "Entre verdade e erro, escreve Tilgher resumindo-lhe o pensamento, nenhuma distincção essencial; uma ficção pouco util é o erro, muito util é verdade!" Ha nisso uma transposição do conceito de Poincaré, em relação á hypothese. Mas, o grande sabio francês tinha a verdade como uma eterna e

fugidia miragem, e não a tornava simples ficção. Separava logicamente os dados do conhecimento — hypotheses—e o fim do conhecimento—a verdade, emquanto o pensador allemão tudo enfeixa num mesmo absurdo.

A objecção a essa doutrina vem da sua propria analyse. Si tudo é illusorio, *como se* fosse, não se confundem verdade e erro, porque deixam de ter valor esses conceitos. Nós não sabemos de nada, portanto não sabemos tambem que existe uma ficção universal, logo o *como se* e o seu cinico scepticismo, não passam de fórmas absolutas, que repugnam á doutrina que os criou. E' evidente a *contradictio in adjecto.* Aniquila de principio o que vae combater, mas usa depois os elementos que pretende sejam destruidos. O scepticismo nessa doutrina não é conclusão, é premisa, logo não passa de preconceito.

A illação, que assim se pretende tirar do relativismo — sem duvida, irremediavel consequencia de nossa larga experimentação scientifica, ensinando-nos a incapacidade da intelligencia para perceber em absoluto — é sob todos os aspectos fantasista e falsa. E' justo inverter a velha sentença e proclamar — *metaphysica, livra-te da physica!* A introspecção dos maximos problemas não se póde fazer com os dados da experiencia scientifica e applicar á comprehensão do sêr os methodos com os quaes se contam, medem e pesam os elementos. Seria vão, tanto quanto pretender que o numero contivesse o infinito, ou o tempo a eternidade. Póde-es replicar que só pensamos o infinito partindo da idéa da unidade e que só o tempo nos dá uma noção de eternidade. A objecção está respondida na propria lei que rege os efemeros — todas as nossas percepções são limitadas, porque a intelligencia é um elemento por si só incapaz de atinar

directamente com o mysterio do universo. Mas, sem ella, o conhecimento não poderia haver, logo tem de ser o alicerce e o esteio. Sem as torres, os tectos ou os postes, as antenas não receberiam as ondas hertziannas, assim, sem a razão, o sentimento não se exaltaria até o conhecimento. Por isso, tod aa sabedoria humana, mesmo a revelada, é envolta num persistente ennevoado, sem que possa dissipal-o a propria scintillação do genio. Está escripto que quem fala de coisa humana diz por certo imperfeição.

O relativismo, libertando a analyse scientifica dos preconceitos fallaciosos da certeza e mostrando que todas as leis que criamos não passam de modos de vêr singulares e commodos, mas sem aquella constancia supposta, vindo antes a ser uma variedade preferencial entre as variedades, o relativismo não póde aspirar uma èxpressão de metaphysica. Como tal seria uma limitação. O relativismo nos mostra, através do estudo do mundo phenomenal, que é impossivel pretender o seu conhecimento absoluto, porque esse conhecimento depende nossas faculdades, que são contingencias. D'ahi a solução preferida ser aquella hypothese mais commoda, variavel com a somma de nossas experiencias e o estado de nosso espirito. Mas o erro de Veihinger, de Tilgher e seus epigonos é pretender traspor para o dominio da philosophia, que investiga os primeiros principios, as causas e modos de ser, aquelles postulados relativistas. O resultado não poderia ser outro senão o scepticismo. Mas o scepticismo de vontade traduz um absurdo evidente. O scepticismo é sempre uma desolação. Converta-se em pessimismo, transforme-se em quietitude, mascare-se no cinismo, perdurará sempre a gota amarga do desengano. No scepticismo já não ha só intelligencia, ha muito de sentimento, no seu fundo de

despeitado. E ninguem é despeitado porque quer ser, portanto não ha como fazer desse scepticismo um acto de vontade. E' uma dolorosa experiencia que nosaniquila, não é uma fé, nem uma actividade, que se criam.

Quasquer que possam ser as conclusões da sciencia, na sua busca incessante através das coisas, não é possivel limitar o conhecimento metaphysico, impor-lhe regras ou circunscrevel-o. Será possivel desprezal-o, com o *ignoramus et ignorabimus* dos positivistas, mas isso é apenas uma attitude ou affectação que não se póde manter. O homem ha-de viver na constante angustia de se conhecer, e a finalidade será uma persistente indagação. Os systemas que a afastam, apenas desviam com subtilesa a feição do problema, que permanece com os mesmos dados, desafiando a nossa argucia e inquietando o nosso coração. Por isso, só o scepticismo, o grande mal ds que se separam da fé, será o premio infimo de tal esforço falhado.

Todas as tendencias philosophicas, que procurarem cercear a indagação das causas, pelos postulados scientificos, abortarão numa falsa postura de desprezo. Aquellas "razões do coração" de Pascal hão-de ser perpetuamente guia e luz para o conhecimento da Verdade, que só a fé permitte. Essas não se delimitam no conhecimento, porque a Intelligencia não as conhece, vão muito além de todas as relatividades e contingencias, e são em summa aquelle "appetite divino", que é o mais maravilhoso anseio da criatura. Não ha vontade no scepticismo, ha sómente renuncia. E o homem não será nunca o sêr que renuncia, mas o que aspira, o que busca, pela tortura e pela dôr, a harmonia com Deus.

Renato Almeida

V I D A E M E S P I R A L

II

Ao chegar á porta, ainda parei, espraiando um olhar indagativo pela alameda afóra. Não era Banjo. Fiz um gesto amargo na tarde iodada. Vi os autos escandalosos, porque não eram meus. Ligeira nevoa soldando um tecto rhetorico, um pensamento desviou-me a attenção da idéa anterior. Tentei ainda reter a idéa primitiva com nova roupagem emocional. Tentei retel-a como uma folha de papel que vôa da mesa. Tentei apenas. Devagar abri a porta do aposento, a geito de quem, filibusteiro do amor vae surprehender a mulher adorada. Nenhum carinho feminil de nenhuma Banjo. Apenas o perfume de uma bibliotheca. Acheguei-me a uma poltrona. Alguem poderia ter-se sentado nella. Ah, se fosse o vestido de Banjo. Se fosse a sua camiseta de seda rendada bocejando os instants de um amor passado! Imaginação! Fiz um gesto que os meus olhos criticaram ao espelho — gesto democrata. Tentei apagal-o. Impossivel. Esse gesto exprimia uma capitulação, uma dessas derrotas que os espiritos agudos atiram, como pontas inuteis de cigarro, ás calçadas, por onde escorre a lama democratica dos homens. Eu pensava em Banjo. Ella estava ligada a mim, só pelo simples facto inicial de que eu a não vira com a indifferença de quem vê folhas d epapel amarelo.

Achei-me de nervos irritados. Sahi. O meu desejo secreto — procurar um amor vadio. Na tarde ambarada, as mulheres eram transparentes. Eu lia-lhes as almas. Umas tinham moedas de ouro dentro do coração. Outras, luz.

No largo da Lapa, tomei um bonde. Sentei-me ao lado de uma mulher que mirava muito as unhas polidas. Em pouco, eu lhe disse umas banalidades quotidianas como os jornaes. Depois lhe segurei um dedo. Depois lhe perguntei onde morava.

— Rua do Senado, n.°

Lembrei-me de qualquer coisa. Ah, sim, Banjo morava..

Subi á procura da tal mulher do bonde. Eu buscava syntheses commodas na luz que balanceava pelos degraus acima. Um ar de casa socialista: muitos quartos, portas e janellas dando para um corredor. Uma mulher de má sombra, tortuosa como um arame, hostilizou-me no cimo da escada:

— E' aqui — D. Barbara — ?

O corredor era um prisma de meia-obscuridade onde se alastrava um triangulo amarelo que espionava de um quarto entreaberto, como um segredo meio sabido.

— E' aqui que móra uma senhorita Sylvia? — perguntei impersonalizando a voz a geito de oraculo ou de quem lê um annuncio.

Eu sentia a cabeça um tanto esfusiada.

— É. Suba. Aquelle quarto.

Um clarão, talvez rubro, como quem alça uma lanterna vermelha de perigo na escuridão, invadiu-me a consciencia. Isso de imagem não tem interesse. Não estaria eu enganado? Repousei na minha energia interior. A tal Sylvia appareceu. A cubiça olhou-a nos meus olhos por mim. Na sombra, elles talvez tivessem um quê de ululantes, como dois lobos dentro da noite. Ella sorriu apenas.

Quando voltei, resvalando uma nota na mão da tal D. Barbara, perguntei:

— Aqui não móra uma senhorita chamada Banjo?

— Uma ex-xxchentrica? Mudou-se. Está morando em Mem de Sá.

— Bem. Obrigado.

— Não ha de que, senhor *dotoiri.*

Quando cheguei, dei com um rosto ao espelho. Olhei á roda. Ninguem. Só eu. Então o rosto era meu. Nem podia deixar de ser meu. Só se eu tivesse roubado um rosto.

O saber que Banjo morava naquella casa-de-encontros deixara-me aturdido. Esse sorriso corado de mulher sportiva, beijado por labios mercantis ou mercenarios — o adjectivo não importa — .Por mais vontade que eu tivesse de deter os meus pensamentos em meio caminho de conclusões sinistras, elles subiam ao ar, e cahiam com uma verticalidade estupida sobre o centro de si proprios. Apezar de moralmente sólido e bem arcabouçado, entrei a depreciar-me com gestos nús e com paixões núas. Ro-man-tis—brrs—decepcionante asneira.

Ah, mas ella mudara-se.

A idéa de perder Banjo, que eu ainda não ganhara, como quem ganha uma batalha, atormentava-me. Perdel-a era como se eu tivesse de ver queimar-se num incendio um manuscripto raro. O meu instincto deveria ser um annuncio de encruzilhada indicando — é *tua.* Isto pelo facto simples de que os poucos gestos que ella já fizera no meu

mundo eram de uma alegria devassadora. As suas palavras não tinham a verdade nua. Em mim, ellas ganhavam uma zona mediumnica.

Ás nove da manhã dessa sexta-feira esperei-a perto do elevador boquiaberto, preparado a tragar vidas por uma especie de peristaltismo. As mulheres olhavam muito para os meus olhos côr de vinagre. Eu olhava para uma Banjo que ainda não se materializara.

— Cedo. por aqui? — perguntou ella, entreparando confusa. Estendeu-me os dedos humidos da manhã.

No corredor do quarto andar, eu disse:

— Você não me avisou que se mudara *daquella* casa.

—

— . .*quella* casa. . Sei que você está em Mem de Sá. A tal (espirrei um sorriso) D. Barbara disse-me.

— Você esteve lá na rua do Senado? — perguntou contrafeita.

— Estive.

Evitando que perguntasse a fazer o que, continuei:

— Que casa... horrivel. Nunca pensei que você morasse alli.

— Meu caro, mudei-me pelo motivo simples de que D. Barbara iria transformal-a em. Eu não podia.

Perfurei-lhe os olhos com os meus. Sincera? Talvez.

— E agora, onde móra?

— Mem de Sá, tantos.

Uma escusação imprecisa subiu do escuro do meu ser. Sussurrei:

— Banjo, desejo-a allucinadamente.

Seu sorriso corado brilhou como um fruto, não por mim, mas pelo adverbio. As minhas phrases entrepararam numa encruzilhada mental.

— Logo virei vel-a. Ás cinco.

E ella numa voz que era uma primavera inverosimilurente musicada:

— Porque não vem buscar-me ás cinco ?

— Bem. Virei.

Beijei-lhe os dedos. Desejos dansavam-me na cabeça como doidos num manicomio. Não vinha ressabiado. Na rua, entreguei-me, sem rédea, a uma alegria secreta que se traduzia num passo mais agil, num olhar mais lépido, numa vontade mais forte. Tive ganas de matar todos os meus inimigos.

Quarto andar. Procuro-a. Já sahira. Olho por uma janella, pensando em perfumes (ella, um perfume da minha vida). Meus olhos cahem na rua. Ella toma um taxi com uma archeologia viva, — um senhor gordo. Desço sem esperanças, gestos quebrados, idéas fragmentadas. O taxi, um triangulo escuro, em breve se ajusta ao horizonte. Fiquei na calçada com o desespero nos bolsos entre alguns nickeis. Eu queria que os factos acontecessem.

Apezar dos dias me serem optimistas, quando acontece uma desgraça a um amigo meu, penso em Banjo. Os meus dias maus, eu os vejo nas palmas das minhas mãos e nas estrellas da bandeira ou do céu. Não soffro do figado — a; b — não existe. Um cavalheiro apresentavel em r o u p a s, rouba-me Banjo. Ella dava-me pesadelos. Eu a desejava immoralmente. Ambicionava-a sem romantismos em-

baraçadores. Eu pensava em fatalismos. Não ha tanto rico que vive comendo de esmolas? Um pouco de fatalismo só servirá para me alegrar o optimismo.

O obeso, olhar dyspeptico a geito de duas manchas de petroleo, rosto hermetico de reflexos cameleonicos, era um tio chegado de Mandalay. O gordo era um annuncio de pneumatico Michelin observado por mim em certa esquina. Eu queria vel-o com a agilidade de um kangurú de parque. E' verdade que ás vezes elle tinha um passo autoritario de quem vae receber uma condecoração. Mas isto era ás vezes, de mez em mez, por exemplo; e condecorações não se inventam diariamente. Banal Precocemente velho.

Isto tudo eu soube dos labios de Banjo por adherencia forçada ou voluntaria, por apertos de mãos longos como febres, mas saboreando as palavras e o accessorio (que talvez fosse o principal), como um vinho caro pago por outrem. Que outrem? Quem sabe se eu não era mesmo um *outrem?* Não, apenas havia numa esquina incerta um vago tio rico chegado de Mandalay.

— Venha hoje commigo ao Municipal.

— Hoje — ella mexeu-se na poltrona. Da janella olhei para a rua. Um sujeito dava largas pernadas. Desejei dar um pulo desse terceiro andar para mostrar-lhe a ella que sou sportman.

— Bailados russos. Pense. Ou melhor: não pense. Jogue os dedos e as pernar ao ar, e diga, vou!

Metti os olhos nos meus dedos, com grande ansia. Á luz ampliava a boca de Banjo. Queria fazer-me um multiplo na sua imaginação.

— Não posso.

— Mau. Ou os bailados ou um beijo.
— Não posso. Tenho de trabalhar aqui uns vestidos para amanhã.
— Então, o beijo.
Sorrindo, correu a pôr de permeio uma mesinha de chá. Segurou-me a mão, depois o braço, depois o busto.
— Você rema?
— Porque?
— Tem bons musculos no peito.
— Nádo. mas não faça. .—acabou a phrase com um sorriso vermelho. Sobre o sorriso, o meu beijo cahiu como uma sombra mysteriosa.
Vindo duma noitada do Municipal, eu ouvia o ringido dos bondes que me perturbava as idéas. Na penumbra do sedan, ensimesmado, olhos cravados num vidro polido que me separava do mundo, eu scismava. Como se caminhasse num corredor, do fundo do sonho para mim, ella se apresentava tal qual uma actriz no palco. Sua cabelleira castanha, á moderna, quasi loira, um tanto desgrenhada, dava-lhe um ar de travessura de mocinha, ironizado por uns olhos de chá translucido, que riam a não poder mais, — e o riso era um milagre de alegria. O nariz e os labios, quasi finos como gume de espada. Por isso seus labios sangravam outros labios. Eu a via andar na minha frente, sempre com aquelle seu costume escuro, cintado, e com um chapeusito preto, a falar, a falar sem medida, a frisar ás phrases originaes com o indicador, desde ardia uma turqueza, que se tornava crepitante, quando ella a levava ao ar como testemunha das suas palavras. Paradoxos maliciosos, como as sombras que o sol tatúa atravez das arvores, dansavam-lhe no olhar. O olhar não era cliché de nenhum outro da terra. Ella era um *potpourri* literario-social. As suas mãos, perfumadas de ambar, brancas e finas, as

meias de seda, o peito robusto, a tagarelice, tudo isso eu conhecia pelos sentidos, e me excitava á futilidade, á alegria e ao desejo. Demais a mais era vermelha e irritante como morangos acidos á sombra.

Em Banjo
a mulher-sensação: a mulher-sentimento:: 6:4.

Todos os meus pensamentos teem um ponto luminoso de convergencia: quero vencer na vida, impondo as minhas idéas, estendendo os meus musculos e abraçando as mulheres cubiçaveis. Ora sinto que na minha consciencia ha um ser ou uma força que precisa ser dominada para essas tendencias. A principio pensei que um talisman oriental, resolvéria o caso. Mas não resolveu. Nem resolverá. O fabricante do talisman — honesto como um rectangulo — assegurou-me com enthusiasmo, boa fé, saliva e dentes cariados, que, se o primeiro não desse resultado (o que era de crer, dada a falta de nitrogenio e uréa, por causa etc., etc.), eu não perdesse tempo em comprar um segundo, antes que se abaixasse o store de ferro.

Uma noite, pensando, descobri. Achei-me deante de um espelho com uma elegancia de annuncio de alfaiataria da moda. Uma estrella verde brilhava-me na testa. Tirei o casaco. Meus olhos descreveram no espaço uma p a r a b o l a vertiginosa, exemplo de todas as parabolas do universo. Sacudi o casaco sobre os olhos. Perdendo o equilibrio, cahi sobre a poltrona. Vi deante de mim um largo estuario: ao fundo um bloco de ouro, que parecia uma saboneteira, uma estatueta da paz armada, ou um

prospecto em quatro linguas. Senti frio. Apalpei-me. Não estava molhado. Senti o ar sonoro. Os meus respiros vibravam docemente. Depois fechei os olhos.. . . . . banjo banjo banjo banjo banjo banjo banjo banjo banjo banjo banjo banjo EU. Abri os olhos. Eu descobrira o meu demonio interior — um triangulo regular com o symbolo do infinito no meio.

Tendo sempre deante dos olhos o triangulo, isto é o meu demonio interior, passei a comer melhor, a rir sonoramente após as digestões para espantar os suburbios da dyspepsia, a ler e a pensar claramente. Uma nova vida sanguinea e musculada.

Uma tarde via-a no Flamengo conversando com o tal tio. Ebullição de contentamento. O meu olhar foi tão prolongado que me deu a impressão de tacto sensual. As sombras largas e profundas eram retalhos de velludo.

Toda a luz da tarde concentrava-se nos seus grandes olhos cor de chá. O chapeusinho redondo e preto parecia-lhes um *abatjour*. O meu demonio interior, girando o 8 como uma helice, fez-me dizer-lhe:

— Banjo, estou morando em Mem de Sá.

— Eu tambem.

— Você quer morar commigo ?

Ella deu uma gargalhada, accorde multisonoro de todas as harmonias da tarde, levantou-se, deixando as minhas mãos e o banco. Perpassou pelos taxis em direcção á amurada. Pensei que fosse suicidar-se.

— Banjo!

Voltou com a resonancia da mesma gargalhada. Vinha cercada de uma zona imaginaria de

desdem, victoria, graça e alegria. Alguma coisa de primitivo e perverso dos espiritos livres da natureza.

— Hysterica.

— Não sou hysterica, não, querido. Rio-me do seu humorismo. Você é engraçadissimo — e sincero. Tambem vou ser sincera. Aquelle tio não é meu tio, é o meu ma-ri-do. Feche a boca. Lá na aula de gymnastica, miss Molly diz que é feio abrir a boca para respirar Estou divorciada ha poucos annos. O *Masto* (abreviatura de mastodonte) voltou da Mandalay com idéas de concordia. Mas eu não quero. Acabou-se. Cuidado!—apontei-lhe você como o meu.

— .diga, o seu.

— .como o meu D. João-Bobo. Cuidado!

O meu demonio interior rodou vertiginosamente. De repente parou. Os meus olhos entraram nos de Banjo como duas agulhas magneticas. A principio ella sorriu. Depois começou a ficar séria, muito séria, espelhou as suas unhas polidas na testa num gesto lento e impreciso, segurou-me a mão, segurei-lhe os hombros perfumados, e dei-lhe um beijo. O sello do contracto. Os meus olhos fabricaram transeuntes risonhos. O meu demonio interior, multiplicado, girava em todas as coisas.

— Venha morar commigo.

— Huum. deixe-me falar.

Os seus labios adustos como um caramelo em fusão.

— Amanhã, dou-lhe uma resposta.

— Bem. Não tenho medo do seu tio-marido zoologico. Um knock-out.

— Assim, não é! — deu-me um socco no estomago e um beijo na boca.

Nesse momento eu quiz manifestar a toda a gente que ella seria minha. Eu vinha com o concavo das mãos cheio do infinito.

Apezar do meu pacifismo nesse dia comprei um revólver. A indecisão, vibrou de Banjo para mim. Eu sabia que o *Masto* frequentava casas de chá. Fiz-me encontradiço com elle em companhia de Banjo. O meu demonio interior, nessas occasiões, dava-me beijos immateriaes. Entrei a ficar mais calmo perto de um perigo permanente. Vi-a nos cinemas e nas casas de chás. Dansámos em clubs. Visse-a eu conversando com algum cavalheiro: inveja atormentava-me como uma constante reclamação interior. Eu começava a ter a illusão da força, a illusão de mim mesmo. Mas o meu demonio, sobrenadando a tudo, como um raio de luz sobre aguas, segredava-me enthusiasmo:

— Porque é que você móra em Mem de Sá, tão banal ?

— E você?

— E' um pouco peccaminoso..

— Tambem para mim — respondeu ella.

Ás vezes eu tinha desejo de deixal-a entregue ao destino ou desatino da aventura. Opinião de que me despi facilmente.

Meu D. João-Bobo.

Quero

Banjo.

Li e reli o bilhete. O meu demonio dansava. O fulgor quente da luz devorava as coisas. Eu sobre-

nadava á luz. Eu me immaterializava na luz. Nas minhas mãos havia um luz minguada, outrora uma densa. Uma supposição. Corri a uma parede provisoriamente.

O TEU E' MUU

Fiquei estupido ante a phrase. Todo o meu encantamento vinha daquella phrase e refluia áquella phrase. De modo que me enchia e esvasiava de ventura. Mal comparando, uma especie de bomba.

Banjo, muito plastica, veiu com os seus olhos, obdugos cheios de luz como duas lanternas.

— Está vendo aquelle letreiro ?

— Mal feito. "O teu é múú". Teu, que? Amor, não é? Muu, meu. Você está imbecil. — exclamou com um gesto secco como a verdade que acabava de dizer. Respondi, agarrando-a e dando-lhe um beijo. Rolámos na poltrona, ella por cima. Desvencilhando-se, deu-me um tabefe.

— Você tem de defender-se do meu marido.

— Estripo-o! Banjo, façamos jogo franco.

— Covarde.. só sei jogar assim.

Tirei um nickel do bolso:

— Cara ou corôa ?

— Corôa, porque serei rainha.

— Cara

Atirei o nickel. Sem querer, olhei pela janella.

— Cara, ganhei. E' noite. Vou accender a lampada.

Passámos para o quarto.

— Você diz que sou covarde. Vae vae. Jogo franco.

Agarrei-a. Ella esbofeteava, segurava-me os cabellos. Teimoso, beijei-a com violencia. Nossos dentes se encontraram, ringindo como dois pedaços de vidro.

— Largue-me! — gritou. Larguei-a. Sorrindo, ella disse:

— Está terminado o primeiro round. Lembre-se do meu marido.

Eu não podia perder a opportunidade dentro de mim e dentro da luz. Banjo começou a oppôr menos resistencia. Olhámo-nos olhos em olhos. Eu disse:

Porque essa resistencia, Banjo?

— Imbecil D. João-Bobo. — e correu, pondo um divan de permeio. Aquelle *D. João* encheu-me de vapores de grande de Espanha. Irritou-me tambem. Fiz um gesto espesso de grandeza e desejo. Corri. Agarrei-a. Os meus musculos contrahiram-se sobre ella. A sua blusa de seda rasgou.

— Vê. rasgou.

— Melhor. Até ao fim.

— Meu bem, você venceu. Já estou cansada.

Banjo appareceu numa camiseta de seda colorida. Os moveis começavam a dansar. Uma cadeira girava como montada num eixo. O espelho espraiava um largo olhar ausente. Os meus beijos, seguidos pelos meus dedos, deslisavam borbulhantes pela sua carne aromada. Quando os meus labios pousaram no tecido arachnideo das meias, ella me perguntou se eu sabia jogar mah-jong.

Vindo do fundo da tarde, ella appareceu no Flamengo com os olhos maguados. Um silencio vasio nos seus olhos. Falta-me uma imagem. Curvou para mim o seu corpo de linhas flexuosas. Fez-me arder num desejo. A tarde atordoava-me. Como o vento beijava as arvores beijei-a tambem, e escandalosamente. Sungando os hombros, ella ria.

— Por aqui, Banjo?
— Um entrevista com o meu marido.

Lancei os olhos para o espaço. Convidado — eu! para uma manifestação. Antes tomar assignatura de varias missas. O panno abaixou sobre o theatro agudo das minhas idéas. Banjo! Os seus vestidos acriançam-na aos meus olhos. Como cheira a peccado. E ao mesmo tempo como é uma novidade de sabor infantil. A sua alma é uma paizagem alpestre perigosa. De que volupia me impregna dedos e labios — tal qual um perfume impregnando roupas numa gaveta. Ella é a fes-ta-da-vi-da. A indecisão do seu sorriso. Perdão! o seu sorriso agudo nunca foi indeciso — uma affirmação continua. Apanhei um apparelho complicado. Ah, para lustrar as unhas. — Banjo, Banjo. . e eu tão lamuriante. Bolas! Passei a tirar o pó da gola do casaco e das idéas. Levantei-me. Queria pensar e não podia. Ella me apparecia na memoria como uma estatueta de terra-cotta.

— Não demore! venha!

Uma voz provisoria respondeu de um recinto fechado: — Já vou, meu bem, meu bemzinho!

Os moveis passearam-me pelos olhos. Tive vontade de dynamitar o edificio, de modo que ambos morressemos. Banjo só me falava no marido. Descobri que elle era rico, e que lhe fazia propostas pecuniarias optimas para a sua officina de costura. Fôra a idéa de vel-a sempre ao meu lado que me impellira a entrar para uma companhia. Enriquecer. Combater o capital pelo capital na posse desse *terreno*: — Banjo.

— Venha.

— Não demóro. — A porta abriu-se. Ella entrou na luz. Toda de branco. Um gesto seu lançou

no chão uma sombra larga e profunda como um valle.

— Então, S — ?

— Ás suas ordens.

— Preciso de você.

— Como sempre — precisa de mim para as inutilidades.

— O dinheiro não é.

— Sabe que pretendo viajar?

— Não. novidade. e não me leva?

— Ainda não pensei em você.

— E diz que me ama.

— Negocios. A minha Companhia.

— Sou eu. Os seus negocios de sempre — desprezar-me.

— Amo-a com juros. A minha presença é indispensavel em Paranaguá. Não posso comprehender que você zombe de coisa séria. Negocios — e acabou-se!

— Meu bemzinho, por acaso não posso brincar?

— Póde. Mas é que eu.

— Pobrezinho de você. O meu desejo é que você ganhe muito, muitissimo e compre o seu — o nosso — Rolls-Royce. Muitisss—imo.

— Chega! Illusões. estou encalacrado.

— Mentira.

— Porque me chamou do escriptorio?

— Um caso sério.

— Dividas, o mais certo.

— Que inquietação, meu bem. Contas — o que menos me tortura.

— Claro. Nem podia deixar de ser assim. Seria inverter a ordem natural das coisas. E o seu marido? — dois espelhos a um tempo repetiram-me os gestos.

— Offerece-me dinheiro para endireitar a minha officina. Persegue-me Você deve segural-o e

dar-lhe uma surra. Uma mulher de um senador deu-me um rombo de 3:500$. Preciso repôr esse dinheiro. Você tem de me ajudar. Senão, em ultimo caso, eu appello para o meu marido — e appellar para elle será a reconciliação. Bem, leia esta carta. Foi-me enviada hoje. Não sei quem é o signatario. R. Garcia Roma. Conhece? Eu leio.

Rio, etc.

Senhora Banjo.

Antes de mais nada devo declarar-me quem sou. Tenho um ordenado de T00$ *fixos, faço os meus biscates na Alfandega e na Bolsa que me dão 3:000$ por mez, rémo, tenho 1,70 de altura e amo-a! Amo-a!! Mas o que mais me atraza é vel-a com esse zero, esse Sr. S—, chefe de uma agencia de annuncios de panno-de-boca de theatro. Esse rapazola gorducho está quasi fallido. Conheço bem o seu negocio, olaré! Tome cuidado com elle! — que é um neurasthenico (um exemplo de nevropathia physyographica arythmica). Um bello dia elle dá cabo da senhora! O Rio é a cidade dos crimes passionaes! Olhe que elle é um fraco! Eu rémo, sou forte! Se precisar de mim nas horas vagas, estou ás suas ordens. Queira telephonar para N. 10661 chamando o Irmão da Opa, ou escrever para a Av. H. Valladares, 220.*

Do seu futuro cavalleiro-andante e marchante (?)

R. Garcia Roma."

Desci a cabeça para o chão. Medi a minha covardia como um turco mede chitas. Fechei os

olhos: — Isso é uma infamia! Não tenho nenhum freguez com esse nome, não tenho mais agencia. *Isso* é um cão qualquer que, invejoso da minha prosperidade, leva a vomitar. ! as phrases galopavam umas sobre as outras como as vagas de uma tempestade.

— Mas elle escreveu outra.

Sra. Banjo.

Hontem a Sra. tomou chá no Colombo com o Sr. S—. A Sra. estava de azul escuro, chapeusinho vermelho. Encantadora. Eram 5½. Tomei o elevador com a Sra. Amo-a! Cuidado com os crimes passionaes!

R. G. Roma.

Vê? Segue-nos! Deu residencia — facil! Você deve ir tirar uma satisfacção!

— Para que?

— Ora essa é boa. Então eu hei de ficar nesta situação? Coragem, meu amor!

— Bolas! não vou. Isto é uma perfidia. E se me matam? Adeus, Banjo! adeus, Companhia!

— Ahh, não pensei no secundario.

Hein? Não vou. Prompto. O remedio é este: rasgar as cartas ou ir á Policia!

— Mas deve falar com elle. A Policia é uma inutilidade.

— E-se-elle-me-mata? hein?

— Bem. Faça o que quizer. Agora uma continha.

— Só com o seu amor.

Quando me separei della, eu tinha uma mordedura no peito. Pensei em phobias.

Teixeira Soares

CRONICAS E NOTAS

ANATOLE FRANCE

Foi a guerra que derrotou o scepticismo de que Anatole France fôra a expressão mais subtil e encantadora. A tremenda agitação dos povos veiu mais uma vez mostrar que a ferocidade humana, paixões, lutas, idéaes, tudo se move por uma fé recondita e irreprimivel e que a razão não está com os que a negam ou della zombam. Nem a França morreu docemente, como pensára Renan, nem os homens eram simples automatos, levados pelo instincto apenas, na voragem de todos os desejos e de todas as ambições. O scepticismo de France abríra fallencia e aquella decadencia da civilisação, que representam as suas figuras, se negava ao estrondo das batalhas e ao embate das resistencias e sacrificios. E a ond de crença era tão forte que o proprio Anatole France a ella se incorporou e escreveu paginas de ardente patriotismo, de violenta indignação e de vibrante incentivo. O quadro universal se mudára naquelle instante tragico. Não era uma destruição mas a renovação, a ansia constante que leva os homens no desejo fremente de melhorar e crescer, alimento derradeiro da vida e a sua propria justificativa. Do scenario morno da decadencia romantica e do mysticismo inconsciente, a cujo espiritos fatigados satisfazia o sceticismo de Anatole France, passou-se a uma época de agitação e de

revolta, em que de novo a massa humana se agitava em busca de outras bases, ou talvez de fórmas apenas, que mudassem as apparencias de suas construcções. E o criador indifferente, ao invés de se retirar da estrada e ficar á margem sorrindo da ingenuidade dos que corriam furiosos e possessos, tomou tambem de um estandar e esbravejou ao meio da multidão. Anatole France morreu anarchista por uma necessidade de fé, como observou Camille Mauclair.

E isso porque a grandeza de Anatole France não está na intelligencia, nem no sentimento. Aquella nunca é chamada e este é desprezado por systema. Só o instincto rege o escriptor e toda a sua obra, toda a sua representação universal está presa a esse preconceito, dentro do qual mudam figuras e situações, homens e objectos se movem, ao ridiculo que emana da sua ironia sensorial. Anatole France não zombava do mundo porque fosse ridiculo — o mundo lhe era indifferente — mas porque o jogo das paixões e dos appetites, onde enfeixava tudo, lhe parecia desprezivel e inutil, embora pittoresco. Não era um espirito de negação, nem tinha preoccupações moralistas, tão communs entre ironistas e humoristas, antes sorria a omundo numa renuncia de quem não o quer decifrar e sentiu otravo de todos os prazeres. Porque Anatole France era um intenso voluptuoso, não desdenhava as paixões e a sua vida e a sua obra estão profundamente impregnadas desses desejos e desses ardores. Era a funcção essencial do instincto. A vida não lhe parecia boa nem má, mas "la verité est que la vie est délicieuse, horrible, charmante, a f r e u s e, douce, amère, et qu'elle est tout." Se o artista zomba do bem e do mal, não para se collocar acima delles, logar de que duvidaria muito, e acceita todas as contingencias, é que as quer viver ao sabor do seu

capricho. A sua dúvida. . Anatole France talvez tivesse tido mais inquietação do que dúvida. A dúvida é um contorno da verdade, um instrumento da sabedoria, é fruto da intelligencia, enquanto a inquietação vém do inconsciente, é vaga e se fragmenta em todos os desejos e decepções.

Anatole France mystifica as suas sensações, perturba-as e confunde-as, e as suas grandes figuras vivem num jogo de experiencias contradictorias, num audacioso immoralismo. Em que consiste o esforço dessas personagens? em melhorar a vida, nunca, porque são demasiadamente prudentes, mas em se adaptar a ella, viver em correspondenci acom as paixões, evitar o inexplicavel, gosar tanto quanto possivel os pequenos prazeres, contornar a dôr e fazer de toda a existencia uma immensa comedia. Nessa comedia não sei se Anatole France fez alguma vez papel tragico, mas muito se divertiu, porque se resguardou da insidia tragica da intelligencia. Zombou das coisas, mas soube aproveitar-se dellas....

Renato Almeida.

Literatura Brasileira

RIBEIRO COUTO — *Poemetos de Ternura e de Melancolia* — Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo, 1924.

O sr. Ribeiro Couto já é um capítulo de historia literaria.

Em torno de seu livro, como em torno de Constantinopla, travaram-se os primeiros combates prenunciadores da éra moderna. E, si não póde dizer-se, rigorosamente que elle foi o iniciador do movimento abolicionista da poesia nacional, é certo, pelo menos, que inspirou o primeiro epitheto de que foram chrismados os artistas da nova geração.

De sua "poesia da penumbra", como a chamára o Sr. Ronald de Carvalho, é que saiu o qualificativo de *penumbrista,* applicado a principio a todo aquelle que, para construir um poema, não se servia do material colhido ao diccionario de rimas ricas.

Mas tudo isso é do dominio do passado. E, de resto não foi o nome de *penumbrismo* o que de mais interessante saiu da poesia do Sr Ribeiro Couto.

Dali, realmente, o que derivou de melhor foi o proprio Sr. Ribeiro Couto: — o do *Crime do Estudante Baptista* e o destes recentes *Poemetos de Ternura e de Melancolia.*

Não que elle tenha surgido outro homem, de entre os versos do *Jardim das Confidencias.* Mas, justamente, porque nos apparecem agora mais pa-

recido comsigo mesmo, perdido com o tempo aquelle empastamento de traços proprio dos moços e que lhes dá, a todos, um ar de familia um pouco irritante.

O Sr. Ribeiro Couto do primeiro livro era um adolescente timido. Hoje, si o não vemos ainda civilisado e jovial, vemol-o, pelo menos quasi desabusado, a olhar firmemente as cousas.

Está mais senhor de si e, em vez de o arrastarem as emoções, como antigamente, é elle quem as governa. Já não escreve os versos todos que sente. Escreve os que quer.

Quanto á maneira de compor, embora francamente apurada, é ainda a primitiva: — o mesmo processo directo e simples de annotar as sensações, de dispor indolentemente as imagens e de rythmar as estrophes ao gosto de canções.

A arte do Sr. Ribeiro Couto é tão natural e espontanea, que espanta, em verdade, o pensar-se que tenha, algum dia, causado escandalo entre a critica reúna.

Não ha, realmente, um só poéta moderno, talvez, que como este, se prenda tanto ao fio tradicional da poesia brasileira. Porque, sem duvida alguma, o seu lyrismo melancólico é muito mais authenticamente nosso que o colorido exasperado e as notas clangorosas de tantos versos de Castro Alves, ou mesmo dos parnasianos.

Nem se vê em que possa ter a propria *maneira* do sr. Ribeiro Couto chocado á guarda-nocturna conservadora A não ser, com effeito a liberdade métrica (aliás ha muito tempo introduzida entre nós), elle não usa de nenhum recurso prohibido de composição, nem de qualquer condimento requintado que o torne intragavel ao paladar commum.

Aquellas manifestações de fadiga intellectual, que o Sr. Mario de Andrade observava recente-

mente em quasi todos os poetas modernos, não se verificam uma só vez nos livros do Sr. Ribeiro Couto, pela simples razão de ser elle um artista muito mais sensorial que cerebral. E nisto ainda o autor dos *Poemetos de Ternura e de Melancolia* será perfeitamente intelligivel, mesmo ao vulgo, e não lhe dará a impressão de desvario que outros provocam nos imbecís.

Esta facilidade de se deixar abordar é, aliás a menor qualidade do Sr. Ribeiro Couto. Valôr muito maior tem, por exemplo, a sua virtude justamente opposta a essa. Porque elle não é sem contradicções, como qualquer individuo interessante.

Prefiro-o, com effeito, naquillo mesmo em que se distancia do plano commodo do ledor de versos, quando marca de um traço fino a sensação, sem preoccupar-se em fazer-lhe a volta inteira, para edificação do publico. Então, elle mal insinúa a imagem ou completa a associação de idéas; mas obtem alguns dos effeitos mais raros de nossa moderna poesia. São dos poucos momentos em que o poema brasileiro não é apenas sonoridade ou literatura.

Rodrigo M. F de Andrade.

Ronald de Carvalho — *Estudos brasileiros* — Annuario do Brasil — Rio, 1924.

Com esta primeira série de estudos brasileiros, o excelente poeta que é o sr. Ronald de Carvalho nos dá o mais fraco de seus livros em prosa. Reunião de conferências feitas no México, seria talvez preferivel que esses *Estudos,* aparecessem em espanhol, no México, onde poderia prestar muito bom serviço de informaçõis. Seu interesse aqui diminúe, como é natural. Que dizer sobre as nossas cousas, em quatro conferências apenas, a um publico que

nos desconhece ? Antes de tudo era preciso iniciá-lo e Ronald de Carvalho mal teve tempo pra essa iniciação. Daí o resumir-se seu livro em simples esbôços históricos da nossa social e artistica, sem maior vantagem pra quem, como nós, tem tantos historiadores e tão pouca historia.

O que nos falta — um pouco de espírito critico — falta tambem ao livro, que não consegue colocar homens e factos á vontade nos seus lugares.

Sobre nossa nacionalidade, sobre nossas letras, sobre nossas artes, quasi nada que já não se tenha dito. E todos esses assuntos estão exigindo revisão urgente. Seria necessário estudá-los com espirito novo, ousado, irreverente, sem a menor preoccupação com o que escreveram Rocha Pombo e Silvio Roméro. Obrigado a falar pra pessôas que não conhecem esses senhores, Ronald de Carvalho precisou resumí-los. Quando convinha distinguir, teve de limitar-se a ennumerar.

Aqui ou ali, um rápido juizo, quasi sempre filho-familia da nossa critica tradicional. Exemplo: "Raimundo Corrêa é o mais arguto e penetrante dos tres (refere-se aos principais parnasianos) Bilac é o mais lírico, o mais amoroso e perfeito; o sr. Alberto de Oliveira, o mais nacional, aquelle que mais intimamente soube traduzir os encantos da terra". Ha aí um ponto de vista visivelmente falso. O nacionalismo de um artista é subjectivo e não objectivo. Está no espírito e não no ambiente das obras que cria. Portanto, si Bilac foi o mais lírico e o mais amoroso, foi tambem o mais brasileiro.

Outras opiniõis muito contestáveis são a que atribúe a Cruz e Souza "sensivel influência" sobre "toda a poesia contemporánea no Brasil, ao menos a mais original e caracteristica" e a que, no capítulo sobre artes plásticas, n e g a que os negros tenham dado provas de excelência nessas artes;

esta última confirmada adiante pela afirmação de que "o nosso povo é directamente oriundo de um grupo étnico inferior sob o aspecto artistico".

Esse mesmo capítulo seria muito mais interessante si o autor dedicasse por exemplo ao Aleijadinho e ao Mestre Valentim as páginas que tratam dos passadistas impropriamente chamados de contemporáneos.

Finalmente o estudo *Psiche brasileira*, esplêndido pró México, pra nós devia ter alguma coisa mais do que variaçõis sobre o tema "flôr amorosa de tres raças tristes"

Nos quatro ensaios, talvez por terem sido preparados pra conferências, um cuidado da fórma, um trabalho da frase pela frase — inversõis, antitéses, construcçõis forjadas, retórica emfim — que insensivelmente fazem a gente querer lembrar ao autor, que aliás o conhece muito bem, o velho conselho de Verlaine: *Prends l'eloquence et tords—lui son con."*

De sua missão no México, o sr. Ronald de Carvalho se saíu admirávelmente. Errou, parece-nos, querendo fazer de "Estudos" um excelente livro de divulgação.

Entretanto, os defeitos que apontamos no livro, só são defeitos para um pequeno grupo. E' provável, mesmo, que, a não ser alguns modernistas, ninguem possa concordar com o que dissemos. Alêm disso, ha uma série de qualidades que o sr. Ronald de Carvalho conserva sempre. Clareza rara. Os modernos são confusos. Não se esplicam bem. Entendem-se uns aos outros, mas não conseguem pôr suas idéas ao alcance de todos. Elas não surgem nítidas. Vão se definindo aos poucos. Resultado de uma excessiva agitação interior. O sr. Ronald de Carvalho, temperamento profundamente clássico, caracterisa-se ao contrario por uma grande serenidade.

Diz tudo que quer. Só o que quer. Seu pensamento e sua fórma coincidem. Adaptam-se. Isso lhe assegura uma posição única na nossa literatura actual.

Prudente de Moraes, neto
e *Sergio Buarque de Hollanda.*

OSWALD DE ANDRADE — *Memorias sentimentais de João Miramar* — S. Paulo, 1924.

Uma das caracteristicas mais notaveis deste, "romance" do sr. Oswald de Andrade deriva possivelmente de certa feição de antologia que êle lhe imprimiu. Essa constatação não é um elogio. A margem que envolve cada episodio é larga demais para não furtar á narrativa a continuidade e a duração que o motivo comportava.- Em compen sação cada capitulo, cada episodio tomado isoladamente possúe por si só e de sobra a intensidade que falta ao conjuncto. O quadro aparece incompleto sem sombras e com um excesso quasi desorientador de claros.

Essas observações, aliás, não passariam de impertinencias de critica si o autor tivesse a intenção declarada de fazer um romance destas simples "memorias sentimentais". Ora, o sr. Oswald de Andrade não nos diz em parte alguma si foi essa sua intenção. Cumpre-nos pois — e o silencio do autor nos autoriza plenamente a isso — colocar o seu processo verbal da historia de João Miramar, ou antes, de suas impressões, entre os livros de genero indeterminado. A infancia de Miramar, suas recordações do S. Paulo da época, com "os berros do invencivel S. Bento", a escola de D. Matilde que lembra o livro com cem figuras e a historia de Roldão, Maria da Gloria, o "grande professor Seu Carvalho" que foi pró Inferno, tudo isso nos apa-

rece num esquema ligeiro e pitoresco. Si o autor em vez de situar esses episodios na pagina 15 ou 16 onde estão, os houvesse colocado na pagina 119 onde o romance termina, o conjuncto pouco perderia. Isso não importa em dizer que o livro não tem unidade, não tem acção e não é construido. E' a propria figura de João Miramar que lhe dá unidade, ligando entre si todos os episodios. A construcção faz-se no espirito do leitor. Oswald fornece as peças soltas. Só podem se combinar de certa maneira. E' só juntar e prônto.

Nessas "memorias", uma porção de tipos interessantes: Celia, Nair, o Pautico, o Dr. Pilatos, Minão da Silva, Machado Penumbra. Ou melhor, modalidades de um tipo unico, o burguês brasileiro, que pela primeira vez aparece tratado brasileiramente, com bom humor, com caçoada, mas sem mordacidade, sem sarcasmo. Nenhum comentario ao que êle diz. Nenhum signalsinho ao leitor pra dizer que "eu não sou assim". Miramar não desdenha o seu meio, não afecta superioridade. Aceita êle como êle é, reservando-se o direito de ser diferente.

Miramar é moderno. Modernista. Sua frase procura ser verdadeira, mais do que bonita. Miramar escreve mal, escreve feio, escreve errado: grande escriptor. Transposições de planos, de imagens, de lembranças. Miramar confunde pra esclarecer melhor. Brinca com as palavras. Brinca com as idéas. Brinca com as pessôas. Êle é principalmente um brincalhão.

Quasi não se sentem os exageros, as deformações nas pilherias sem maldade:

"O alpinista
de alpenstock
desceu
nos Alpes."

"Gultavo Dalbert numa noite de cabêlo e cigarro disse-me que a arte era tudo e a vida nada. Êle era músico e ia morar em Paris comigo, o poeta João Miramar. Havia um outro artista na visinhança, o Bandeirinha baritono e outros poetas na cidade".

E quantos achados deliciosos. Miramar é realista. Suas imagens, objectivas. Desnorteiam pela audacia. Nenhum preconceito, salvo talvez esse *nenhum*. Uma vez ou outra, um pouco de literatura: "A tarde suicidava-se como Petronio". "Paradas casavam Picasro, Satie e João Cocteau"

As associações, visiveis nos poetas pela falta de ligação sintactica entre as palavras, são mais dificeis na prosa de Miramar onde a ligação existe. Nos poemas, é facil compreender separadamente cada uma das idéas soltas. O leitor acha falta de logica, mas só não compreende o conjuncto. Na prosa de Miramar não se associam; se misturam, se entrepenetram. Para as entender mesmo isoladamente, é preciso separá-las primeiro. O leitor pouco inteligente dirá apavorado:

Quem é esse homem ?
E' louco, mas louco
pois anda no chão."

A isso, Miramar respondeu previamente com a epigraphe do padre Antonio Vieira: "E se achar que fallo escuro não m'o tache, porque o tempo anda carregado; accenda uma candeia no entendimento."

Rompendo com uma série de convenções gramaticaes, Miramar se decide enfim a "escrever brasileiro". Não neguemos que esse gesto tivesse precursores. A verdade porém é que se muitos aconselhavam o gesto muito poucos, não é neces-

sario exceptuar José de Alencar, tiveram a ousadia de pô-lo em pratica. O sr. Oswald de Andrade toma a attitude oposta que é, de qualquer maneira a mais corajosa. Se Miramar pratica o gesto, outro personagem, Machado Penumbra approva-o apenas, sem aconselha-lo nem adopta-lo. Concordamos até certo ponto com a attitude prudente de Penumbra. Seria um horror se todo o mundo daqui em diante se pusesse a "escrever brasileiro" e cada qual naturalmente a seu modo. A prova é o proprio brasileiro de Miramar, tentativa proveitosa apenas emquanto destruição. Acabou com o êrro de português. Mas criou o erro de brasileiro, de que está cheio o livro. Ninguem fala o brasileiro de Miramar. Sua construcção, de um raro poder espressivo, é personalissima. De artista. Portanto, de ecepção. Ora, nossa lingua em formação tem de obedecer a leis determinadas, as leis gerais de evolução linguistica. E' nos submetendo ás suas tendências que a criaremos e não lhe dando a feição inconfundivel da frase de Miramar. As ecepções devem vir depois. Por óra trata-se de unificar. Os grandes criadores de linguas são grandes criadores na medida em que se conformam com o uso. Não são artistas, são vulgares. Coragem que poucos têm. Miramar errou o caminho. Quis ser artista. Não será um criador do brasileiro.

Essas e outras cousas que estamos dizendo já foram ditas num artigo admirável, do sempre admirável, Mario de Andrade, que lamentamos não poder plagiar na integra.

Não é pela tentativa de uma lingua nova mas inaceitavel que as "Memorias sentimentaes" têm uma grande importancia na formação de uma literatura brasileira. E' pelo espirito do livro, é pelo extraordinario poder de simpatia de Miramar—um camaradão, desses que abraçam a gente na rua con-

tentes de verdade, que se entregam quando são amigos, gostam das bôas pilherias e fazem confidências. Miramar é sínico, é canalha — no bom sentido dessas palavras—é bom, é quasi sempre alegre. Quasi sempre. Ás vezes lá vem uma necessidade de crepúsculos. Ha notas de grande meláncolia nas Memorias sentimentais" João Miramar é um poeta lírico.

Prudente de Moraes, neto
e *Sergio Buarque de Hollanda.*

RUBENS DE MORAES — *Domingo dos Seculos* — "Candeia Azul"; Rio de Janeiro, 1924.

O pequeno volume que o sr. Rubens de Moraes acaba de publicar não é propriamente uma concessão que um artista modernista faz ao publico que não lê escriptores modernistas. Em todo caso com o *Domingo dos Seculos* esse mesmo movimento que tamanha resistencia tem provocado naquelle publico no que não sabe ler e no que apenas lê, parece estar na iminencia de ceder estensos territorios á curiosidade e ao desfastio dos que até agora se mostraram rebeldes a qualquer inovação. Uma das causas aparentemente mais justas dessa rebeldia é o pretenso desprezo dos modernos por todos os mestres do passado. Os passadistas lendo o livro do sr. Rubens de Moraes ficarão sabendo que esse desprezo não existe. "E' um erro", diz elle, "pensar que os modernos condemnam os classicos, os romanticos e todos os passadistas. Bilac, Castro Alves, Gonçalves Dias foram grandes poetas, etc." Mas a concessão que o sr. Rubens de Moraes faz ao público, nunca chega a ser tão grande que sacrifique as suas ideias mais ousadas a esse simples prazer. E' que êle consegue temperar tão bem certas ideias que o leitor incauto embora as saiba indigestas

acaba achando saborosas. O condimento que está muito ao alcance do autor é uma infatigavel presença de espirito. Quantas paginas cheias de palavras dificeis e de letras maiusculas não empregaria Jéan Epstein para dizer o que este livro exprime nestas poucas linhas: "Apresentar as cousas sob um novo aspecto. A lei do cansaço é de todas as leis psicologicas a que mais valor tem em arte. O primeiro poéta que comparou a neve a um tapete branco, teve uma imagem feliz, o segundo plagiou, o terceiro cançou". E é no mesmo tom que êle enuncia um dos corolarios dessa afirmação: "Os passadistas eram artistas segundo um sistema de eixos i i'; t t'. Nos transportamos a arte para um novo sistema de eixos i' i''; t' t''. Tudo continúa no mesmo. A humanidade continúa a chorar, a rir, a soffrer; mas nos a contemplamos de um outro modo. Só mudou o ponto de vista".

Essa maneira simples de dizer as cousas não impede que o sr. Rubens de Moraes discuta alguns dos problemas mais complicados do espirito moderno. Entretanto se quizermos ser justos não devemos negar que o esplendido bom humor do senhor Rubens de Moraes resolve os problemas que êle se propoz sem tomar em conta certas nuances que êles comportam naturalmente. Procura demonstrar seguindo sempre uma linha recta entre o enunciado da questão e a resposta e só afirma tudo quanto ao seu espirito um pouco sofista parece indiscutivel.

Aliás o sr. Rubens de Moraes não ignora que em arte moderna como em muitas outras cousas a evidencia nem sempre é o melhor argumento e a linha recta não é muitas vezes o caminho mais curto entre dois pontos.

Nada mais engenhoso por exemplo, e nada mais leviano que dizer de Pronst, que o seu encanto "está em nos contar tudo e nos sugerir o que êle não nos

póde contar por falta de *tempo*." Mas as mesmas reflexões que o levam a essa conclusão sugerem uma afirmação que não é apenas engenhosa e muito menos leviana: "A velocidade da vida moderna obriga o artista a realizar depressa o que êle sentiu depressa, *antes da inteligencia intervir.*

O capitulo sobre o problema da intelligencia é um dos mais curiosos e sobretudo dos mais importantes do livro. E' certo que a sua tese favoravel á influencia do bergsonismo na arte moderna encontrava um desmentido em algumas das tendencias mais recentes. (A ultima phase de Jean Cocteau e a de Max Jacob por exemplo).

O sr Rubens de Moraes tem razão quando combate a influencia do intelectualismo do seculo passado. Mas solução não é talvez tão simples como lhe parece quando propõe o intuicionismo bergsoniano.

E' possivel que aos nossos contemporaneos não seja dado resolver a questão da inteligencia colocando os pontos nos ii. E talvez só o seculo XXI dará ou não razão aos partidarios da these do sr Rubens de Moraes. E quem sabe se só então teremos um domingo dos seculos?

Sergio Buarque de Hollanda.

MANUEL BANDEIRA—*Poesias*—Revista de Lingua Portugueza — Rio de Janeiro, 1924.

O anno de 1917, significa para a nossa literatura alguma cousa mais que uma data de promessas e pouco menos que uma época de realisações brilhantes.

Não é o receio de caír na retorica facil dessa associação de palavras que nos sugere tal afirmação. Seriamos, por exemplo, quasi injustos, se

dissessemos do primeiro livro do sr. Manuel Bandeira, livro publicado precisamente em 1917 — anno em que tambem os srs. Guilherme de Almeida e Mario de Andrade nos deram os seus primeiros livros — que foi para o momento uma promessa, até uma "esplendida promessa", como devem ter dito alguns criticos da época. Não chegaremos, é verdade, ao ponto de afirmar que êle atingiu ali a plenitude que atinge nos seus dois ultimos livros, isso sem negar que as três partes distinctas que compõem o volume agora publicado, constituam, cada qual por si só um segmento da curva natural que descreve a evolução do poéta.

Na *Cinza das Horas* não faltam ás vezes esaltações liricas em que mal se disfarça uma "inocencia" bastante caracteristica. Erraria profundamente quem considerasse o poéta só por essa face. O tom geral do livro desmente essa impressão: sente-se perfeitamente que o autor de tais versos foi uma victima precoce do "mau genio da vida" Quando culmina a sua exaltação, como em *Plenitude* é á Natureza, á Mãe Natureza que êle pede o alimento e o exemplo para as suas iluminaçõis:

"Tenho extases de santo... Ancias para a virtude...
Canta em minh'alma um mundo de harmonias.
Vêm-me audacias de herói.

O requinte depravado e histérico do *Carnaval* não rompe com esse furor mistico. Êle se liberta o mais que póde das influencias de alguns poetas que lhe parecem ter sofrido um pouco de seu mal, para encontrar uma nota inédita na poesia de lingua portugueza. Nunca se viu num poéta nosso esse refinamento selvagem que demonstram quasi todos os poemas do *Carnaval*. Nada aparentemente mais longe de certas notações líricas de *Cinza das Horas*.

Sente-se porém que esse chocalho continuo e barbaro de seus novos versos é ainda uma solução logica de sua maneira inicial. Não encontrando disposição interior para acompanhar o tumulto dionisiaco que apenas os seus olhos sentem, e incapaz, por outro lado, de se isolar do tumulto, êle participa da vertigem geral sem apagar entretanto o fundo melancolico de sua inspiração:

O meu Carnaval sem nenhuma alegria.

O carnaval é um motivo quasi forçado, mas o poéta ri de um riso diferente do que expõem os outros homens. "Fez por parecer alegre. Mas o sorriso se lhe transmudou em ricto amargo." O riso ainda não passa de um *disfarce.* Mas esse poéta que a certa altura chega a exclamar:

". . .eu, vagabundo sem idade
Contra a moral e contra os codigos."

nunca encontrará outra solução melhor para esprimir suas esaltações. Ainda e sempre é sob qualquer disfarce, a mascara que êle não retirou na quarta-feira de cinzas, que nos aparece sua fisionomia. É impossivel não sentir que se a sua tristeza surge fantasiada de côres bizarras é sempre o seu sentimento profundo — e esse sentimento é sempre melancólico — que recebe o *imprimatur* da consciencia do artista.

No *Rythmo Dissoluto,* a ultima parte do livro e a unica até aqui medita o sr. Manuel Bandeira se aproxima de uma tendencia inicial procurando o paraizo perdido nas "naturezas primitivas". Nos seus ultimos poemas essa attitude é bastante caracteristica.

A emoção com que êle contempla os menininhos pobres "que não vêm as hervilhas tenras, os tomatinhos vermelhos, nem as frutas, nem nada" e para os quaes "só os balõesinhos de côr são a unica mercadoria util e verdadeiramente indispensavel" é uma attitude tão logica como a do *Carnaval*.

Essa "lição de infancia" que êle encontra nos discursos ingenuos dos camelots de quinquilharias, não obstante lhe conserve a mascara, torna impossivel uma solução mais rasoavel do problema que o destino lhe propoz. E' difficil conciliar essa nova atitude com a obsessão constante da morte, que se observa em todas as producções deste poéta. É talvez por esse motivo que o sr. Manuel Bandeira jamais escreverá como William Blake os seus *Cantos da Inocencia*. Mas não é talvez um esagêro afirmar que nunca, neste paiz, ninguem esprimiu melhor essa "inocencia" superior que é a singularidade essencial dos verdadeiros poétas.

Sergio Buarque de Hollanda.
e *Prudente de Moraes, neto.*

Literatura Francesa

DOMINIQUE BRAGA — *"5.000"* — *Nouvelle Revue Française* — Paris, 1924.

Póde-se dizer que assistimos ao começo de uma civilização esportiva. O esporte cresce em variedades, em popularidade, em importancia. Alastra-se. Domina. Hoje ou se é sportman ou não se é, porque se é de ontem. Existe um espirito esportivo, uma disciplina esportiva que se adquirem por uma educação esportiva. O esporte, aproveitamento de instinctos guerreiros não empregados, tende a substituir-se á guerra. Os conflictos internacionais serão resolvidos nos estadios, quando o desenvolvimento do espirito esportivo não permitir mais que as lutas nos estadios se transformem em conflictos internacionais. O principio "Quem tem razão não apanha", base e justificação da guerra, póde perfeitamente ser estendido ao esporte. Justiça prompta e barata

Além disso, esporte é ordem, sacrificio, desinteresse, submissão do individuo á collectividade, dominio sobre si mesmo, contenção. Classicismo e moralismo, portanto. E não podia deixar de formar sua literatura. Desta, Moutherlant, Jean Prévost e Dominique Braga me parecem as figuras mais interessantes. E' verdade que não conheço o sr. Marcel Berger e não consegui suportar o sr Joseph Jolinon.

Cada um daquêles tres escritores procura no esporte uma cousa diferente. Para o sr. Montherlant, com seu lirismo vagamente d'annunziano, o esporte é disciplina. Êle é um moralista esportivo. O sr. Jean Prevóst é o que se póde chamar um sportman puro. Quer a satisfação fisiologica dos músculos. Seus atletas muitas vezes se exercitam sósinhos, pelo prazer de exercicio, sem a minima idéa de competição. O sr. Dominique Braga faz esporte e psicologia. O esporte só lhe interessa mesmo como novo campo de investigação psicológica.

Os "*5.ooo*" são metros. Uma corrida nessa distancia. O livro só póde ser lido por atletas. Quem não estiver em forma, não aguenta o train. Abandona. Porque o leitor não fica nas arquibancadas assistindo apenas. Toma parte na prova. Instala-se no pensamento do protagonista. Corre com êle. Não o larga. Acceleram e retardam juntos. O estadio girando em torno dêles provoca em ambos as mesmas idéas. Confundem-se. Quando o corredor desmaia, vencido nos últimos metros, o leitor estenuado desmaia tambem. Tanto assim que nem vê o final da prova. Mal percebe passarem os concorrentes.

O sr. Dominique Braga faz da corrida um simples reflexo do pensamento, cujo monólogos nos deixa seguir em todas as suas associações. Tudo nos aparece transposto pro plano subjectivo, como imagens reflectidas num espelho. E' essa a originalidade do sr. Braga e de seu livro excelente.

Depois dêle é dificil que ainda se possa tratar do mesmo assunto, por mais que variem as distancias. Defeito da literatura esportiva. Mas na literatura do sr. Dominique Braga o esporte me parece um elemento ocasional. Trata-se de um escritor admiravelmente dotado para o romance. Não creio

que lhe bastem os ***récits sportifs.*** **Num livro como** "*5.000*" as sensações forçosamente sobrelevam aos sentimentos. O sr. Dominique Braga ainda ha de se dedicar de preferência a estes, mostrando-nos melhor o incontestavel poder de análise que possúe.

Prudente de Moraes, neto